ultimato

PERGUNTAS DE QUEM SOFRE

UMA LEITURA DO LIVRO DE JÓ



JOÃO LEONEL

JOÃO LEONEL

PERGUNTAS DE QUEM SOFRE

UMA LEITURA DO LIVRO DE JÓ

ultimato
VIÇOSA|MG

PERGUNTAS DE QUEM SOFRE

CATEGORIA: Espiritualidade | Estudo Bíblico | Vida cristã

Copyright © 2015, João Leonel

Todos os direitos reservados

Primeira edição eletrônica: Junho de 2015
Capa: Ana Cláudia Nunes
Diagramação: Bruno Menezes
Formato: PDF
ISBN: 978-85-7779-128-6

Publicado no Brasil com autorização
e com todos os direitos reservados pela

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

Prefácio 5

Introdução 8

Estrutura do livro 12

Prólogo 15
Capítulos 1 e 2

Monólogo de Jó 25
Capítulo 3

Ciclo de discursos 36
Capítulos 4 – 27

Poema da Sabedoria 45
Capítulo 28

Monólogo de Jó 53
Capítulos 29 – 31

Discurso de Eliú 63
Capítulos 32 – 37

Confronto entre Deus e Jó 72
Capítulos 38 – 42.1-6

Epílogo 80
Capítulo 42.7 – 17

Referências bibliográficas 85

PREFÁCIO

Em seu *Comentário do Evangelho Segundo João*, Calvino compara a obra de Cristo a um grandioso espetáculo teatral. Ele afirma: "Na cruz de Cristo, como num magnífico teatro, a inestimável bondade de Deus é apresentada diante do mundo inteiro". Naquele palco estão representadas todas as dores do mundo e sua mais gloriosa redenção. O livro de Jó também pode ser visto na mesma perspectiva de uma obra dramática, escrita séculos antes de toda tragédia grega, antes do teatro elisabetano. Ali, no drama de Jó, representa-se e debate-se a questão do sofrimento humano, suas causas e consequências espirituais, teológicas e existenciais. Ali abrem-se perguntas que só serão respondidas plenamente na cruz.

Por ser uma obra dramática, o livro de Jó é marcado pela força do diálogo e pelos prismas da polifonia. Nos bastidores, o diálogo entre Deus e Satanás a respeito da autenticidade da experiência religiosa e espiritual de Jó torna a vida e a história o palco de uma provação titânica, um teste, uma aposta divina na frágil possibilidade da fé desinteressada e genuína. No tablado, o diálogo desesperado entre Jó e sua esposa, entre Jó e seus amigos que, na tentativa de explicar a dor

em termos moralistas e mecânicos, trazem mais ainda à ferida aberta no coração do amigo. Por fim, o diálogo entre Jó e seu Deus, cada um apresentando sua causa, seus argumentos, sua visão. No meio da peça, um hino à sabedoria, um poema cheio de beleza e mistério.

Os vínculos entre teologia e literatura já foram suficientemente estabelecidos por inúmeros escritores, que se estendem desde a sobriedade de um T.S. Elliot ao êxtase profético de um William Blake, de teólogos a filósofos como Paul Tillich a Paul Ricoeur e Walter Benjamin, até a críticos literários como Terry Eagleton e Stanley Fish. Os vínculos entre a Bíblia e a literatura também já têm sido amplamente explorados, tanto no que diz respeito à influência das Escrituras Sagradas na literatura quanto nos recursos e gêneros literários presentes nas Escrituras.

Este livro de João Leonel vem contribuir com o exercício de leitura da Bíblia tendo como ferramentas interpretativas os recursos da literatura. Nesse tipo de leitura leva-se em conta a forma, os elementos estéticos, que são tão importantes quanto o conteúdo e os aspectos teológicos e pastorais. Sem cair num formalismo exacerbado e tentando trazer informações e elementos literários pertinentes à compreensão do texto bíblico, o autor vai engajando a imaginação do leitor, permitindo ao leitor a percepção de aspectos importantes sobre a estrutura do texto e sua visão mais ampla. Nesse aspecto, este livro representa uma contribuição única ao leitor da Bíblia no Brasil.

É que, tendo sólida formação e experiência teológica bem como formação e experiência nos estudos da literatura e da crítica literária, João Leonel transita com facilidade entre dois campos que para muitos podem parecer totalmente separados. Ele fala as duas línguas, ou melhor, conhece bem as afinidades e as tensões entre as duas formas de compreender a realidade. Assim, os recursos literários acabam permitindo um acesso mais profundo e um contato mais denso com as Escrituras, como também o contato com as Escrituras permite uma leitura mais sensível e plena com inúmeros textos literários.

O livro de Jó discute com honestidade e complexidade um tema que também foi tratado por grandes escritores da literatura universal, como George Steiner, Franz Kafka, Soren Kierkegaard e Dostoiévski:

o sofrimento humano. Aquele que sofre é pouco a pouco segregado de todas as relações sociais e colocado num palco iluminado onde o silêncio parece ser a resposta mais digna. Entretanto, esse homem sofredor é confrontado com os julgamentos e comentários de amigos que supostamente deveriam trazer consolo, mas tudo o que conseguem é acrescentar dor à dor que já é insuportável. Mas no coração do livro, dentro do coração de Jó, reverbera uma constatação: precisamos de um redentor. E acende-se também ali uma centelha de esperança: eu sei que o meu redentor vive.

O sofrimento que isola é também aquele que revela algo sobre a vida, sobre nós mesmos e sobre Deus. O sofrimento mostra nossa humana condição. Entretanto, ele também pode oportunizar a manifestação do Eterno e a revelação de sua graça.

Que este livro possa inspirar sua vida e acrescentar uma experiência nova à sua leitura das Escrituras, e em particular do livro de Jó. Que ele também possa ajudá-lo a compreender a complexidade do sofrimento humano e a profundidade da presença do Deus eterno que um dia resolveu sair dos bastidores da história para entrar no palco do mundo e levar sobre si a nossa dor. Nossos olhos se encheram de lágrima ao vê-lo sofrer nossa angústia, Ele que um dia secará dos olhos toda lágrima.

GLADIR CABRAL.

INTRODUÇÃO

Diante de sofrimentos, dores e de problemas das mais variadas ordens que teimam em não nos abandonar, e que por isso mesmo se tornam companheiros indesejados de caminhada, invariavelmente nos perguntamos: O que eu fiz para merecer isso? Ou ao nos depararmos com pessoas enredadas em dificuldades sem fim, muito provavelmente refletimos sobre o que elas devem ter feito de errado para sofrerem tanto. Talvez até, em uma tentativa de olhar para além das nuvens, podemos pensar que Deus deve estar castigando essas pessoas impenitentes.

O livro de Jó trata dessas questões. O sofrimento, o ser humano, Deus. Seu autor tem coragem para tocar em assuntos que nos perturbam ao longo da existência, questionando-os, aprofundando-os, recusando-se a aceitar respostas fáceis.

O livro de Jó é pouquíssimo conhecido pelos cristãos. De fato, a grande maioria conhece apenas os capítulos 1, 2 e 42, isto é, os textos que descrevem as terríveis lutas e perdas enfrentadas por seu personagem principal e de como ele foi, ao final, restaurado por Deus. Os capítulos 3 a 41 ficam à margem de nossa leitura e reflexão.

Na prática, nem precisariam existir, visto que não sentimos a falta deles - aparentemente! – para nossa vida, para nossa piedade. No fundo, talvez eles sejam estranhos e mesmo uma afronta à maneira como concebemos a relação com Deus na atualidade.

Tenho convicção de que sem os capítulos 3 a 41, que constituem a quase totalidade do livro, ficamos com uma meia verdade, com a ideia da vitória fácil, das lutas que são apenas "momentâneas, passageiras", e que não se comparam com a "glória das bênçãos que Deus tem para nós". Mas, se pensarmos um pouco, chegaremos à indagação: a realidade é, de fato, assim tão simples? Basta olharmos à nossa volta para vermos o grande número de pessoas que sofrem, inclusive cristãos, e então concluiremos que as coisas não são assim tão fáceis como parecem. Para corrigir tal situação, precisamos urgentemente ler "todo" o livro de Jó.

O título: *Perguntas de quem sofre: uma leitura do livro de Jó* apresenta aquilo que julgo ser o centro da história. Afinal, juntamente com as afirmações dogmáticas e cheias de certezas que percorrem o livro na boca dos amigos de Jó, há indagações profundas que se sobrepõem às certezas, tornando-se molas propulsoras para o desenvolvimento da narrativa. A dúvida, e não a certeza, é o elemento pedagógico do livro. São elas que trazem a revelação de Deus.

Com isso, aprendemos que nem sempre as verdades são os elementos mais importantes para uma vida espiritualmente sadia, mas sim as perguntas que devemos ter coragem de fazer e que darão sentido às verdades que se seguirão. Jó as faz. Por isso mesmo ele se torna uma espécie de anti-herói, pelo menos o Jó que é encontrado na leitura de todo o livro. E é esse personagem complexo que nos fascina, pois apresenta questionamentos que possivelmente todos nós, em algum momento da vida, gostaríamos de fazer, mas nem sempre temos coragem.

As perguntas de Jó ficam sem respostas? Não. Elas são respondidas. Talvez não como gostaríamos que fossem. Afinal, as respostas que Deus traz não se dirigem ao teólogo (embora afetem suas certezas indiretamente), ao religioso (embora tragam questionamentos a ele), ou ao curioso (embora o critiquem indiretamente), mas a um homem

que sofre intensamente, na carne e no espírito. Deus responde a Jó e, com ele, a muitos que têm sofrido no decorrer da história humana.

Cabe deixar claro que o texto que se segue não tem a pretensão de ser um comentário ao livro de Jó, embora não se negue a trabalhar a partir de sua mensagem. Não há aqui discussões de cunho histórico e nem análise detalhada de termos hebraicos. Tal perspectiva fugiria aos propósitos deste trabalho. O que se faz é uma análise literária do livro sob a convicção de que Deus nos fala por meio do texto bíblico e das formas em que ele é organizado. Meu objetivo é colocar você, leitor, em contato com a mensagem do livro de Jó.

Este pequeno livro surgiu como uma série de estudos ministrada em vários momentos a cristãos interessados em conhecer com mais profundidade e de uma perspectiva existencial a mensagem de Jó. Como se verá, o tom é majoritariamente pastoral, enfatizando a compreensão do texto e sua aplicação à vida diária. Para isso, parto do pressuposto de que a interpretação de qualquer texto se dá mediante a compreensão de sua organização. O modo como o autor organiza o material, afirmando ou omitindo informações, dando destaque a determinados aspectos, utilizando certas palavras para indicar ênfases etc., é o instrumento que ele possui para transmitir a nós, leitores, sua mensagem.

Portanto, começo cada bloco com a análise da Estrutura textual. A mensagem, propriamente dita, virá praticamente ao mesmo tempo, uma vez que a compreensão da organização do texto conduz ao entendimento de seu conteúdo. Por último acrescento a Conclusão, buscando aplicar à vida do leitor os elementos estudados. Como decorrência do método utilizado, penso que este livro poderá ser lido com proveito tanto individualmente, como poderá servir de base para estudos bíblicos comunitários.

Um esclarecimento a ser feito diz respeito à utilização de expressões como "narrador", "enredo", "personagens" etc. Embora à primeira vista possa haver certo estranhamento por serem termos utilizados na análise de livros de ficção como romances, por exemplo, eles não permitem concluir que o livro de Jó é uma fantasia. Pelo contrário, na realidade, tais termos são empregados tanto em textos

ficcionais quanto em obras históricas. Qualquer que seja a origem da narrativa que se expõe, ela terá, sempre, personagens, o desenvolvimento da história – enredo – e será contada por alguém – o narrador. Ao longo da explanação do texto bíblico tais elementos se mostrarão úteis.

Uma última informação refere-se ao já mencionado caráter pastoral do texto, em virtude do qual não há nele citações bibliográficas. As referências a comentários bíblicos ao final, no entanto, permitem compreender que sou devedor a vários comentaristas que de modo competente compreenderam a mensagem de Jó, e sem os quais eu não teria condições de escrever este livro.

Com respeito à versão do texto bíblico utilizado, os textos transcritos correspondem à versão da *Bíblia Sagrada*. Revista e atualizada 2ª. ed., traduzida por João Ferreira de Almeida, Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

Entre as muitas referências bíblicas presentes neste trabalho, algumas são apenas citadas. Outras, em virtude de sua importância, são transcritas no corpo do texto. A maioria das citações, entretanto, está em notas de rodapé com o objetivo de tornar a leitura mais ágil.

Dedico este trabalho à memória de meu ex-professor Milton Schwantes, com o qual aprendi a ter uma visão realista e relevante da sabedoria bíblica, e ao casal amigo Marcelo e Virgínia, companheiros queridos de caminhada. Não posso deixar de mencionar Claudia, minha esposa, os filhos Timóteo, Melina, João Guilherme e, agora, com muita alegria, Mateus, netinho recém-chegado. Vocês têm sido motivo de alegria em minha vida. Eu os amo profundamente!

JOÃO LEONEL.

ESTRUTURA DO LIVRO

Por onde devemos começar o estudo do livro de Jó? Sugiro que seja a partir da averiguação de sua estrutura literária. Isso pela simples razão de que um autor transmite sua mensagem a partir do conteúdo do que escreve, mas também por intermédio da forma que dá ao conteúdo. Uma mesma ideia, veiculada em forma de poesia e de prosa pode ter efeitos diferentes de compreensão. Portanto, identificar como o livro se organiza e quais os recursos utilizados para tal organização constitui o primeiro passo a ser dado.

Utilizando esse critério, podemos dividir o livro em dois grandes blocos. O início e o fim são caracterizados por textos em prosa. A parte central, diferentemente dos blocos que a cercam, apresenta o texto em forma poética. Isso pode ser constatado pelo leitor[1] ao observar que os textos em prosa, capítulos 1 e 2 e o capítulo 42.7-17, estão distribuídos uniformemente nas duas colunas, enquanto os demais capítulos, em linguagem poética, apresentam-se nas duas colunas em linhas paralelas, de forma irregular, de modo que existem espaços em branco no texto, caracterizando assim a poesia.

1. As observações referem-se à versão bíblica utilizada neste livro: *Bíblia Sagrada*, tradução de João Ferreira de Almeida, revista e atualizada.

Qual a importância dessa observação? Indicar ao leitor que a introdução e a conclusão do livro são descritivas. Elas trazem informações a respeito da história que irá se desenrolar, sobre seus personagens e os dramas vividos por eles, assim como, ao final, a consequência das opções e ações assumidas no decorrer da narrativa. Em outras palavras, apresentam os elementos necessários para entender tanto o início da histórica como sua conclusão. Já a parte central está em forma poética, enfatizando os "sentimentos" dos personagens. Nesses capítulos predominam os discursos, seja em forma de diálogo ou monólogo. Esta opção é intencional. Nada melhor do que a poesia, com toda a sua riqueza e dramaticidade, para traduzir os sentimentos de dor e perplexidade que percorrem essa seção. Portanto, se no texto em prosa temos a descrição de fatos, no texto poético temos a reação a eles, com ênfase nos sentimentos dos participantes do drama. Graficamente temos:

Prosa – 1.1-2.13 | Poesia - cp. 3-42.6 | Prosa – 42.7-17

Seguindo outra abordagem, podemos analisar o texto a partir do relacionamento entre os personagens. A história de Jó é, acima de tudo, um contínuo diálogo entre o protagonista e seus amigos, por um lado, e entre Jó e Deus, por outro. Jó ocupa posição central a partir da qual, em determinados momentos, dialoga com os amigos e, em outros, interage com Deus. É de máxima importância notar que os amigos e Deus não entram em contato. Eles não se falam. Nesse sentido, é significativo que os "amigos de Jó" se apresentem como portadores e intérpretes da vontade de Deus, sendo que, na realidade, em nenhum momento este dialoga com eles.

Portanto, partindo do relacionamento entre os personagens, poderíamos esquematizar o livro da seguinte forma:



As duas propostas apresentadas não são excludentes. Pelo contrário, elas se completam. Nesse sentido, podemos apresentar uma subdivisão mais detalhada:

Prólogo – 1.1-2.13;

2. Monólogo de Jó - cp. 3;

3. Ciclo de Discursos:
   a. Ciclo 1 - Elifaz, Bildade e Zofar falam e Jó responde - cp. 4 - 14;
   b. Ciclo 2 - Elifaz, Bildade e Zofar falam e Jó responde - cp. 15 - 21;
   c. Ciclo 3 - Elifaz e Bildade falam e Jó responde - cp. 22 - 27;

4. Poema da Sabedoria - cp. 28;

5. Monólogo de Jó - cp. 29 - 31;

6. Discurso de Eliú - cp. 32 - 37;

7. Confronto entre Deus e Jó - cp. 38 – 42.1-6;

8. Epílogo – 42.7-17.

PRÓLOGO

CAPÍTULOS 1 E 2

INTRODUÇÃO

O prólogo no livro de Jó exerce a função típica do início de uma narrativa, introduzindo os personagens (Jó, seus amigos, Deus, Satanás), situando-os no tempo e no espaço, e apresentando a vida do protagonista - Jó - que, repentinamente transtornada por calamidades e doença, assumirá um tom marcante no relacionamento com os demais participantes da história: o conflito.

Desde já devemos lembrar que não existe relacionamento entre todos os personagens. Como vimos anteriormente, Jó tem contato com seus amigos e com Deus, mas não com Satanás; este dialoga apenas com Deus, e quando se aproxima de Jó o faz apenas para tocar em seus bens e vida; Deus, embora sendo o dirigente oculto de toda a trama, envolve-se diretamente com Jó e com Satanás, não havendo sinal de envolvimento com os amigos daquele; e os amigos

de Jó, por sua vez, dialogam apenas com o companheiro sofredor, e, embora se apresentem como intérpretes da vontade divina, em nenhum momento o livro os coloca em relação com Deus. Estas observações são importantes para o entendimento do livro e serão desenvolvidas posteriormente.

ESTRUTURA

1. INTRODUÇÃO – 1.1-5.

O objetivo da Introdução é apresentar a *origem de Jó* ("Havia um homem na terra de Uz" - v. 1), sua *religiosidade* ("[...] homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desviava do mal" - v. 1), e sua *situação econômica*[2].

Sabemos pouco sobre a origem de Jó. A localização da "terra de Uz" é incerta. Há basicamente duas opções: ou estaria a nordeste da Palestina e ao sul de Damasco, ou então a sudeste, na região de Edom[3]. O narrador, ao referir-se à região, usa a linguagem comum aos habitantes da Palestina, afirmando simplesmente que ela localiza-se no "Oriente" (v. 3), ou seja, em qualquer ponto a leste do rio Jordão. Desses dados podemos concluir que Jó possivelmente não era judeu. Provavelmente seria um prosélito temente a Deus.

Podemos pensar que o tempo no qual a história é ambientada está próximo do período dos patriarcas de Israel. Jó mesmo é apresentado como um patriarca, visto que é uma pessoa idosa, lidera seu clã, formado pela família e grande número de empregados, possui muitos bens, goza de alto prestígio entre aqueles que o cercam, e apresenta uma religiosidade familiar, sem qualquer traço da presença de santuários ou templos, característica da religião israelita posterior.

---

2. "possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas; era também mui numeroso o pessoal ao seu serviço" (v. 3); "Seus filhos iam às casas uns dos outros e faziam banquetes [...]" (v. 4). Pela descrição, podemos constatar que Jó era muito rico.

3. Lm 4.21 liga Uz a Edom: "Regozija-te e alegra-te, ó filha de Edom, que habitas na terra de Uz [...]".

Não se pense, entretanto, que uma possível definição do período de ambientação da história corresponda diretamente ao momento em que o livro foi escrito. Dizer que a história de Jó apresenta elementos que a situam em um contexto bastante antigo não significa dizer que o livro foi escrito nesse período. Qualquer autor pode escrever uma história que não seja sua contemporânea, mas que se situe em algum lugar do passado. É possível que isso tenha acontecido com este livro. Em todo o caso, há diversidade de opiniões a respeito da datação da origem do livro de Jó, indo desde a proposta da época do rei Salomão, século X a.C., e chegando a uma data bem mais recente, no século II a.C.

Bem mais importante do que definir a origem de Jó e situar a época de composição do livro é considerar a indicação de sua religiosidade fornecida pelo narrador. Ele era um homem "piedoso" (v. 1). Como Noé, era "justo e íntegro"[4]; à semelhança de Abraão, "temia a Deus"[5]; e seu temor era demonstrado de modo prático ao "desviar-se do mal"[6]. Sua piedade pode ser constatada no cuidado com a família e não apenas consigo mesmo. Ele oferecia holocaustos pelos pecados de seus filhos[7]. Jó é descrito a partir de características presentes em grandes homens de Deus do passado, sendo criada, dessa forma, não apenas uma identidade com eles, mas também uma linha de sucessão entre tais homens.

Esta apresentação de Jó pelo narrador é reforçada pela opinião do próprio Deus. Ele tem prazer na vida de Jó e apresenta-o a Satanás como modelo de retidão[8]. Os acontecimentos que se seguirão

4. "Eis a história de Noé: Noé era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos [...]" (Gn 6.9).

5. "[...] pois agora sei que temes a Deus [...]" (Gn 22.12).

6. Cf. a relação entre "temor" e "desviar-se do mal" em Pv 16.6: "[...] pelo temor do Senhor os homens evitam o mal".

7. "[...] chamava Jó a seus filhos e os santificava; levantava-se de madrugada e oferecia holocaustos segundo o número de todos eles, pois dizia: Talvez tenham pecado os meus filhos e blasfemado contra Deus em seu coração" (v. 5).

8. "Perguntou ainda o Senhor a Satanás: Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal" (v. 8).

nos dois primeiros capítulos indicarão, mais uma vez, a firmeza da fé desse homem.

Os v. 3 e 4 caracterizam Jó como um homem rico. A riqueza constitui-se não apenas de bens (ovelhas, camelos, juntas de bois, jumentas – v. 3), mas também de sua família (filhos e filhas em relacionamento fraterno – v. 2 e 4). A presença dos filhos revela a bênção de Deus. A mulher está ausente na descrição. O narrador, por questão de dramaticidade, resolveu colocá-la na história somente em 2.9. A Lei já havia determinado que bênçãos materiais são decorrência da obediência[9], assim como a família é fruto da ação abençoadora do Senhor[10]. Portanto, Jó é apresentado como alguém que ama a Deus e vive as consequências desse relacionamento – bênçãos divinas.

2. DUAS CENAS COM A MESMA ESTRUTURA – 1.6-2.10

Neste bloco temos duas cenas: 1.6-22 e 2.1-10. Cada uma delas, por sua vez, é composta de: a) na corte celestial, o pedido de Satanás para provar Jó (1.6-12 e 2.1-6); b) provação de Jó por Satanás (1.13-19 e 2.7); c) reação de Jó (1.20-22 e 2.8-10) e d) conclusão pelo narrador (1.22 e 2.10b).

As duas cenas operam a partir de um foco espacial: "céu/terra". Começam na corte celestial (letra "a"), descendo depois para a terra (letras "b" e "c").

a. Na corte celestial Satanás pede a Deus para provar Jó	1ª. Cena 1.6-12	2ª. Cena 2.1-6

9. "Se ouvirdes a voz do Senhor, teu Deus, virão sobre ti e te alcançarão todas estas bênçãos: bendito serás tu na cidade e bendito serás no campo. Bendito o fruto do teu ventre, e o fruto a tua terra, e o fruto dos teus animais, e as crias das tuas vacas e das tuas ovelhas" (Dt 28.2-4).

10. "Bem-aventurado aquele que teme ao Senhor e anda nos seus caminhos! Do trabalho de tuas mãos comerás, feliz serás, e tudo te irá bem. Tua esposa, no interior de tua casa, será como a videira frutífera; teus filhos, como rebentos da oliveira, à roda da tua mesa. Eis como será abençoado o homem que teme ao Senhor!" (Sl 128.1-4).

Inicialmente devemos explicar a menção à "corte celestial". Não estamos acostumados a esse conceito, contudo ele se manifesta várias vezes na Bíblia[11]. A corte do Senhor é formada por seres celestiais (cf. Ap 4 e 5) e por várias categorias de servos de Deus, como serafins (cf. Is 6.1-3), anjos etc. Os anjos são intitulados de "filhos de Deus" no livro de Jó ("Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles" – v. 6). O Senhor é soberano sobre todos eles e mesmo Satanás apresenta-se submisso a Deus.

Prova do que foi dito acima é o pedido simulado de Satanás para tocar nos bens ("Estende, porém, a tua mão; e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face." – v. 11), e na saúde de Jó ("Estende, porém, a tua mão, toca-lhe nos ossos e na carne e verás se não blasfema contra ti na tua face." – 2.5). O pedido surge do questionamento sobre a fidelidade do servo de Deus. Segundo o acusador, Jó teme a Deus porque tem motivos para tanto. Afinal, diz Satanás, quem não o temeria diante de tantos bens recebidos dele?[12] O desafio é lançado: retirar os bens e posteriormente a saúde para ver se Jó não blasfemará! Deus aceita o desafio e permite a ação do provocador[13].

---

11. Embora o termo não esteja presente na Bíblia, o conceito está. Há várias cenas onde a corte celestial é descrita: "Micaías prosseguiu: Ouve, pois, a palavra do Senhor: Vi o Senhor assentado no seu trono, e todo o exército do céu estava junto a ele, à sua direita e à sua esquerda (1 Rs 22.19); "No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória" (Is 6.1-3). Uma cena maior e mais complexa se encontra nos capítulos 4 e 5 do Apocalipse.

12. "Porventura Jó debalde teme a Deus? Acaso não o cercaste com sebe, a ele, a sua casa e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste, e os seus bens se multiplicaram na terra" (1.9-10).

13. "Disse o Senhor a Satanás: Eis que tudo quanto ele tem está em teu poder; somente contra ele não estenderás a tua mão" (1.12); "Disse o Senhor a Satanás: Eis que ele está em teu poder; mas poupa-lhe a vida" (2.6).

b. Satanás prova Jó	1ª. Cena 1.13-19	2ª. Cena 2.7

Na cena terrena, Satanás coloca em ação seu plano com requintes de crueldade. Traz destruição e morte àquilo e àqueles que cercam Jó (bois, jumentas, servos, ovelhas, camelos, filhos e filhas – 1.13-19), e posteriormente prostra-o terrivelmente adoentado[14]. De um momento para o outro tudo se transforma. As notícias chegam, os fatos são incontestáveis. Repentinamente, não há mais nada, apenas destruição e dor. A narrativa é descrita de modo intenso e rápido. A própria esposa de Jó rebela-se contra Deus e o induz a fazer o mesmo. Mas ela não para por aí. Aconselha-o a, em seguida, tirar a própria vida, única saída para um homem desgraçado[15]. Para entender tal postura, lembremos que, se bens e família significavam a bênção de Deus, a ausência delas indicava a presença de sua ira.

As duas cenas, embora estruturalmente iguais, experimentam uma tensão progressiva. A provação de Jó, na primeira cena, consiste na perda dos bens (bois, jumentas, ovelhas, camelos), dos servos, que são mortos pouco a pouco e, por fim, dos filhos e filhas que perecem. Na segunda cena, não é mais aquilo que está à volta de Jó que lhe é tirado, mas sua própria saúde. Dentro dessa progressão de sofrimento, a grande questão é: permanecerá Jó fiel a Deus?

A situação se reveste de profundo significado. Até esse momento, Jó foi descrito pelo narrador, Deus e Satanás debateram a respeito dele, a catástrofe o atingiu, mas, até agora, ele permaneceu calado. Ainda não ouvimos sua voz. O que pensará? O que falará? Como agirá? Essa é a novidade que a terceira etapa das cenas trará.

14. "Então, saiu Satanás da presença do Senhor e feriu a Jó de tumores malignos, desde a planta do pé até ao alto da cabeça" (2.7).

15. "Então, sua mulher lhe disse: Ainda conservas a tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre" (2.9).

c. Reação de Jó	1ª. Cena 1.20-21	2ª. Cena 2.8-10ª

Agora a voz de Jó é ouvida. Suas palavras? Ao final da primeira cena: "Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei; o Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!" (1.21). Mesmo sob o peso da perda de bens angariados durante uma vida toda, e da morte dos filhos e filhas que davam sentido à sua vida, ele não eleva a voz em revolta contra Deus. Volta à essência, ao ponto zero da vida humana: somos nada e, apesar das aparências, continuaremos a ser nada.

Ao final da segunda cena o ancião declara: [...] "temos recebido o bem de Deus, e não receberíamos também o mal?" (2.10). Frente à dor física e à exaustão emocional e psicológica que a seguem, o velho sofredor mantém o olhar em Deus. De sua boca não saem palavras de lamúria ou de protesto contra o sofrimento que configuraria a injustiça divina. Pelo contrário, reconhece que assim como recebemos com gratidão o bem divino, o mal deve ser encarado com serenidade diante do Deus que é e sempre será bondoso.

O bloco é encerrado com as palavras do narrador nas duas cenas.

d. Conclusão pelo narrador	1ª. Cena 1.22	2ª. Cena 2.10b

Diante da postura de Jó o narrador faz questão de reafirmar a piedade desse homem em terrível sofrimento dizendo, em ambas as cenas: "Em tudo isso não pecou Jó" (1.22 e 2.10b). Conclui, assim, que Deus estava correto em sua avaliação sobre Jó e Satanás errado.

3. INTRODUÇÃO DOS AMIGOS DE JÓ - 2.11-13.

A partir desse ponto os amigos de Jó são introduzidos na trama. Eles chegam para consolá-lo[16]. Afinal, são seus amigos. Aqueles de quem mais se precisa em um momento desses.

Ao rasgarem seus mantos e lançarem pó sobre suas cabeças (v. 12) demonstram, segundo os costumes da cultura oriental, profunda dor pela situação em que se encontra aquele a quem amam. São pessoas sensíveis. Ficam ao lado do companheiro por sete dias e sete noites, assentados, sem pronunciar nenhuma palavra, compartilhando uma dor que é profunda demais para ser mencionada (v. 13).

A presença deles nesse momento encerra as cenas de provação de Jó e prepara o ciclo de discursos que proferirão a partir do capítulo 4.

CONCLUSÃO

Devemos observar neste Prólogo que o narrador deixa claro que Jó é uma pessoa que, antes e depois das provações, "não pecou". Como vimos, ele manifesta esse ponto de vista afirmando a inocência de Jó (1.1, 22; 2.10b) e introduzindo a fala divina que apresenta a mesma avaliação (1.8). Tal constatação é muito importante. Tais afirmações não estão localizadas apenas no início do livro, quando haveria a possibilidade de serem reavaliadas no decorrer da narrativa, mas são reafirmadas também em sua conclusão, quando Deus confirma que Jó falou dele o que era "reto"[17]. Por decorrência, a partir de tais informações no início e no fim do drama devemos entender que, no decorrer de todas as suas tribulações, Jó não pecou.

16. "Ouvindo, pois, três amigos de Jó todo este mal que lhe sobreviera, chegaram, cada um do seu lugar: Elifaz, o temanita, Bildade, o suíta, e Zofar, o naamatita; e combinaram ir juntamente condoer-se dele e consolá-lo" (v. 11).

17. "[...] o Senhor disse também a Elifaz, o temanita: A minha ira se acendeu contra ti e contra os teus dois amigos; porque não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó [...] O meu servo Jó orará por vós; porque dele aceitarei a intercessão, para que eu não vos trate segundo a vossa loucura; porque vós não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó" (42.7-8).

Aproveitando as informações do texto, devemos lembrar que o patriarca muito provavelmente não era judeu. Ele seria um prosélito que teria aderido à fé israelita. É significativo que o autor do livro tenha escolhido um gentio para ser o personagem principal de sua história. Isso, entretanto, não é incomum no Antigo Testamento. Temos o exemplo de Balaão, o profeta pagão que Deus usou para abençoar seu povo (cf. Nm 22-24), e Raabe, moradora de Jericó, que acolheu os espias de Israel, auxiliando, assim, na conquista da cidade (cf. Js 2). Eles são exemplos para nós, cristãos, para que não nos ensoberbeçamos em nossa relação com Deus, pensando que, por sermos seus filhos, podemos desfrutar de certas "liberdades". Deus escolhe o gentio Jó como exemplo de fé e de relacionamento profundo que todos devemos manter com ele.

A figura de Satanás que dialoga e desafia a Deus também deve ser considerada. Em nenhum momento ele dirige-se a Jó e vice-versa. Como pudemos observar, não existe relacionamento entre eles. Essa é uma questão relevante para os dias atuais, quando alguns cristãos estão quase que a todo o momento falando com o Diabo, vendo-o em tudo, e tendo-o como a fonte de todos os males. Talvez falem mais com Satanás do que com Deus. Como é diferente a ação de Jó! Ele nada tem a dizer ao acusador. Seu assunto, como veremos, é com Deus, diante de quem colocará seu sofrimento.

A dor e a perda suscitam uma pergunta profunda: até onde a religião é gratuita? Isto é, existirá uma relação com Deus na qual nós o amamos simplesmente por amá-lo? Ou nossa dedicação a ele é uma reação àquilo que "ele nos dá e nos faz?" Essa é a questão que Satanás coloca diante de Deus: "Jó é fiel porque você lhe tem dado bens (1. 10), saúde (2.4), família (1.2-3). Tire tudo dele e verá se permanece fiel!" Satanás está convicto de que essa é a lógica que orienta a relação entre os fiéis e Deus. Será que é? No caso de Jó, vimos que Satanás estava equivocado. Mas, e conosco? Permaneceremos firmes ou sucumbiremos segundo a opinião de Satanás?

Um dado complicador dessa situação é o fato de que somente nós, os leitores, conhecemos as duas cenas citadas anteriormente. Jó e seus amigos não têm conhecimento do que Deus acordou com Satanás.

Mesmo distante do que se deu na corte celestial, Jó permanece fiel. Agiríamos assim? Se Deus deixar de abençoar-nos, continuaremos fiéis a ele? Ou afirmaremos, como a esposa de Jó, que o melhor é amaldiçoá-lo e morrer (2.9)?

MONÓLOGO DE JÓ

CAPÍTULO 3

INTRODUÇÃO

No capítulo anterior vimos que Jó, mesmo passando por terríveis tribulações, permaneceu fiel a Deus. Agora no capítulo 3 entramos naquele grande bloco (cp. 3-41) desconhecido, na prática, pela maioria dos cristãos. E aqui encontramos um Jó diferente, desesperado. O que estará acontecendo?

A pergunta é reveladora da nossa concepção de vida cristã. É muito comum hoje em dia uma visão triunfalista do cristianismo. Somos os "filhos do Rei", aqueles que "declaram" a bênção de Deus aos outros e sobre nós mesmos, e que afirmam que nossa cidade é "de Jesus". Parece que não existem problemas, que a vitória já foi conquistada sem dificuldades. Não há lugar para o sofrimento. Para muitos, o cristão não pode, nunca, ficar triste, abatido! Será que não mesmo?

ORIENTAÇÃO PARA O ENTENDIMENTO DO TEXTO

É hora de aproveitarmos uma dica que o narrador nos dá para que entendamos de modo mais consistente o livro. Afinal, diante dos vários discursos que aparecem ao longo do livro trazendo acusações, defesas, contra-acusações etc., é natural que os leitores de Jó se confundam e fiquem sem saber qual é, de fato, a mensagem do livro. Tal experiência tende a levar os leitores ao desânimo por não saberem identificar nos textos a orientação divina para suas vidas.

Essa dificuldade surge no enredo a partir do capítulo 4 quando entram em cena de modo mais efetivo os amigos de Jó. Eles analisam, por meio de seus discursos, os acontecimentos trágicos que envolveram o companheiro. Estarão certos ao afirmar que Jó sofre por ter pecado? Como entender a complexidade dos discursos? É aqui que a dica a que me referi entra em ação. Como foi observado no capítulo anterior, tanto no prólogo (1.1-2.13) quanto no epílogo (42.7-17) o autor, por intermédio do narrador e da voz divina, faz questão de deixar claro que "Jó não pecou" (1.1, 8, 22; 2.3, 10), mas "falou o que era reto sobre Deus" (42.7b, 8). Importante agora é a afirmação a respeito dos amigos. Por duas vezes Deus afirma: "vós não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó" (42.7-8). Mesmo que as palavras daqueles homens fossem revestidas de piedade e sabedoria, não expressavam a vontade divina para Jó.

Devemos manter em nossa mente esse julgamento da parte de Deus sobre os amigos de Jó quando examinarmos as palavras do protagonista, como faremos neste capítulo, e também ao estudarmos os discursos dos amigos nos capítulos seguintes.

Por conseguinte, o Jó que vemos sofrendo e desesperado no capítulo 3, o que espanta a nós tanto quanto a seus amigos, não está errado. O que foi dito a respeito dele nos dois primeiros capítulos continua valendo. Não há palavras de censura a ele da parte do narrador e de Deus. É dentro desse contexto que devemos analisar tudo quanto Jó falará no livro!

Para entendermos os sentimentos manifestados neste capítulo devemos observar que eles são expressos por intermédio de um

gênero literário conhecido como "lamento". É o tipo de linguagem que as pessoas usam quando estão sob provação. Os problemas enfrentados por aquele que lamenta podem originar-se em três fontes diferentes: Deus, os seres humanos (inimigos) ou a própria pessoa. Tomemos como exemplo o salmo 13.1-2:

Problema	Salmo 13.1-2
Deus	Até quando, Senhor? Esquecer-te-ás de mim para sempre? Até quando ocultarás de mim o teu rosto?
Salmista	Até quando estarei eu relutando dentro em minha alma, com tristeza no coração cada dia?
Inimigos	Até quando se erguerá contra mim o meu inimigo?

Neste salmo ficam evidentes as três áreas de conflito enfrentadas por seu autor. Primeiramente ele dirige seu questionamento a Deus por ter sido (aparentemente) esquecido por ele. Ao salmista parece que o Senhor está indiferente a seu sofrimento. Em seguida ele olha para dentro de si e luta consigo mesmo. Sente tristeza em seu coração, as forças somem e não consegue mais perseverar. Finalmente, ao elevar o olhar, vê que as tribulações também se originam na relação com outras pessoas. São seus inimigos. Eles se manifestam ameaçando-o, tentando fazer-lhe mal. Diante das três situações o salmista repete a expressão: "até quando?" Parece que não consegue mais resistir. Está quase desistindo. Quando isso acontece, ele lamenta.

Nem sempre as três fontes de problemas surgem ao mesmo tempo. Às vezes manifestam-se duas ou apenas uma. Depende do contexto em que a pessoa se encontra, e o que é mais difícil para ela suportar. Quando a pressão dos inimigos for mais intensa, então o

salmista lamentará diante de Deus a situação de perigo pela qual está passando (cf. Sl 3[18]).

Jó utiliza o lamento em seus discursos. Mas não devemos entender o lamento no contexto de seu uso atual, como se fosse um murmúrio, uma lamúria, um ato de quem está descompromissado com Deus, semelhante à conduta de pessoas que, embora se digam cristãs, vivem reclamando do tempo, da saúde, do vizinho etc., etc. Pessoas que se tornam quase insuportáveis na convivência diária. Por outro lado, só faz uso do lamento aquele que possui fé suficiente para derramar seu coração diante do Senhor, expressando tudo o que sente e esperando que ele atue alterando seu quadro de sofrimento. Quem reclama da vida olha somente para o passado. O que lamenta vê a tribulação no presente, apresenta-a diante de Deus e espera a libertação no futuro. O lamento sempre conduz à esperança e ao louvor. É o que se dá no final do Salmo 13: "No tocante a mim, confio na tua graça; regozije-se o meu coração na tua salvação. Cantarei ao Senhor, porquanto me tem feito muito bem (v. 5-6)".

Temos vários exemplos de lamento na Bíblia. O povo de Israel "clamou" ao Senhor quando estava sob dura servidão no Egito e foi ouvido (Ex 2.23[19]). O ato de clamar a Deus era um lamento diante do sofrimento e da opressão perpetradas pelos egípcios. O livro de Juízes apresenta vários momentos em que, sofrendo sob as mãos de povos que os submetiam, Israel "clamava" ao Senhor (3.9, 15; 4.3[20]) e este o libertava por meio de juízes.

O livro de Salmos traz o lamento em uma estrutura mais desenvolvida. O lamento geralmente se subdivide em três segmentos. Tomemos o Sl 3 como exemplo[21]:

18. Sl 3.1-2: "Senhor, como tem crescido o número dos meus adversários! São muitos os que dizem de mim: Não há em Deus salvação para ele".

19. "Decorridos muitos dias, morreu o rei do Egito; os filhos de Israel gemiam sob a servidão e por causa dela clamaram, e o seu clamor subiu a Deus" (grifo nosso).

20. A expressão é basicamente a mesma nos três textos: "Clamaram ao Senhor os filhos de Israel, e o Senhor lhes suscitou libertador [...]".

21. Cf. outros salmos de lamento: 5, 7, 17, 22 etc.

Salmo 3	
Clamor do salmista	v. 1-2. Senhor, como tem crescido o número dos meus adversários! São numerosos os que se levantam contra mim. São muitos os que dizem de mim: Não há em Deus salvação para ele.
Declaração de confiança em Deus	v. 3-7. Porém tu, Senhor, és o meu escudo, és a minha glória e o que exaltas a minha cabeça. Com a minha voz clamo ao Senhor, e ele do seu santo monte responde. Deito-me e pego no sono; acordo, porque o Senhor me sustenta. Não tenho medo de milhares do povo que tomam posição contra mim de todos os lados. Levanta-te, Senhor! Salva-me, Deus meu, pois feres nos queixos a todos os meus inimigos e aos ímpios quebras os dentes.
Louvor pela libertação futura	v. 8. Do Senhor é a salvação, e sobre o teu povo, a tua bênção.

Exemplo clássico de lamento é o do profeta Jeremias. Por ter profetizado o exílio de Israel na Babilônia como punição a seus pecados (Jr 6[22]), o profeta foi preso e colocado no tronco como inimigo

22. "Ouve tu, ó terra! Eis que eu trarei mal sobre este povo [Israel], o próprio fruto dos seus pensamentos; porque não estão atentos às minhas palavras e rejeitam a minha lei. [...] Assim diz o Senhor: Eis que um povo vem da terra do Norte [Babilônia], e uma grande nação se levanta dos confins da terra. Trazem arco e dardo; eles são cruéis e não usam de misericórdia; a sua voz ruge como o mar, e em cavalos vêm montados, como guerreiros em ordem de batalha contra ti, ó filha de Sião" (Jr 6.19, 22-23).

da nação[23]. Nessa situação de sofrimento e solidão, ele lamenta ao Senhor em um texto muito semelhante ao capítulo 3 que estamos estudando:

> Maldito o dia em que nasci! Não seja bendito o dia em que me deu à luz minha mãe! Maldito o homem que deu as novas a meu pai, dizendo: Nasceu-te um filho!, alegrando-o com isso grandemente. Seja esse homem como as cidades que o Senhor, sem ter compaixão, destruiu; ouça ele clamor pela manhã e ao meio-dia alarido. Por que não me matou Deus no ventre materno? Por que minha mãe não foi minha sepultura? Ou não permaneceu grávida perpetuamente? Por que saí do ventre materno tão-somente para ver trabalho e tristeza e para que se consumam de vergonha os meus dias? (Jr 20.14-18).

Encerro com um último exemplo: Jesus Cristo. Na expectativa da cruz, sentindo se aproximar cada vez mais o terrível momento de seu suplício, o Senhor, como ser humano que era, sentiu medo. Buscou a companhia de seus amigos e os levou ao Getsêmani para que o apoiassem nesse momento atroz. Uma angústia terrível toma conta de seu coração. Sente a alma triste até à morte e ora: "Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e, sim, como tu queres" (Mt 26.39). Na cruz, brada em alta voz: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46). Estas palavras de Jesus provêm do salmo 22.1 – um salmo de lamento.

Os exemplos citados testemunham que todo servo e serva de Deus estão sujeitos a passar por momentos terríveis na vida, e que o correto, aquilo que agrada a Deus, não é fugir dos problemas, nem aparentar não ter sido afetado. Devemos, sim, utilizando o lamento, colocar na presença de Deus o que sentimos juntamente com o clamor por libertação.

Jó expressa sua angústia fazendo uso do lamento no capítulo 3. É o homem de fé que não entende a razão de seu sofrimento e que demonstra coragem ao expressar seus sentimentos diante de Deus.

---

23. "Pasur, filho do sacerdote Imer, que era presidente da Casa do Senhor, ouviu a Jeremias profetizando estas cousas. Então, feriu Pasur ao profeta Jeremias e o meteu no tronco que estava na porta superior de Benjamim, na casa do Senhor" (Jr 20.1-2).

Sua atitude deve levar-nos a pensar: já fizemos algo assim? Temos coragem?

ESTRUTURA

O capítulo divide-se em três partes:

1. MALDIÇÃO SOBRE O DIA DO NASCIMENTO - V. 1-10.

O bloco começa com o narrador introduzindo o discurso de Jó, que marca formalmente a alteração entre o que foi dito anteriormente e o que se apresenta agora[24]. Jó amaldiçoa o dia de seu nascimento. Após sete dias e sete noites de silêncio diante de seus amigos[25], acrescidos de vários meses de sofrimento solitário[26], Jó fala. Agora é uma palavra distante daquela ouvida nos dois primeiros capítulos. Usando a oposição "dia - noite", o ancião deseja que tanto um quanto o outro deixem de existir[27], bem como o fruto deles, ele próprio.

A partir do v. 4 "noite/trevas" vai tomando o lugar de "dia/luz" no texto[28]. Tudo está na "escuridão"[29]. Isso nos lembra as trevas primordiais que pairavam sobre a terra antes que Deus ordenasse

24. "Depois disto, passou Jó a falar e amaldiçoou o seu dia natalício. Disse Jó:" (3.1-2).

25. "Sentaram-se com ele na terra, sete dias e sete noites [...]" (2.13).

26. "assim me deram por herança meses de desengano e noites de aflição me proporcionaram" (7.3).

27. "Pereça o dia em que nasci e a noite em que se disse: Foi concebido um homem!" (3.3).

28. "Converta-se aquele dia em trevas; e Deus, lá de cima, não tenha cuidado dele, nem resplandeça sobre ele a luz".

29. "Reclamem-no as trevas e a sombra de morte; habitem sobre ele nuvens; espante-o tudo o que pode enegrecer o dia. Aquela noite, que dela se apoderem densas trevas; não se regozije ela entre os dias do ano, não entre na conta dos meses. Seja estéril aquela noite, e dela sejam banidos os sons de júbilo. [...] Escureçam-se as estrelas do crepúsculo matutino dessa noite, que ela espere a luz, e a luz não venha; que não veja as pálpebras dos olhos da alva" (3.5-7, 9).

todos os elementos[30]. Elas são o símbolo do caos, da desordem. E é exatamente com esse objetivo que Jó vale-se do conceito. Quer mostrar que sua vida está sem sentido, num verdadeiro caos. Isso é muito importante. Não devemos esquecer que este é um livro de sabedoria (exemplo clássico é o livro de Provérbios), e que esse tipo de literatura procura, por um lado, analisar a ordem do mundo para que os seres humanos se conformem a ela, mas, por outro, denunciar a falta dessa estrutura ordeira, mostrando claramente a realidade da vida. É isso o que Jó faz. E ao fazê-lo, ele revela não apenas seu sofrimento mas o de tantos outros como ele. Nesse sentido, o livro desempenha o papel de denunciante do estado caótico que atinge a vida da humanidade em todos os tempos.

O dia do nascimento assume para Jó o papel que os "inimigos" exercem nos salmos de lamento. Essa é uma questão profundamente existencial. Não são os elementos da vida que perturbam Jó, mas o próprio fato de viver. Ele está revoltado pelo simples fato de existir e protesta diante de seus amigos e de Deus.

2. DESEJO DE TER MORRIDO ANTES DE NASCER - V. 11-19.

Nesta seção Jó manifesta o desejo de não ter nascido[31]. Aqui ele trabalha com a oposição "vida – morte". Por que nascer? Por que ser amamentado e assim continuar a viver[32]? Para ele, o melhor lugar seria a morte, pois nela há tranquilidade[33] e todas as pessoas são iguais[34]. Tais

30. "A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas" (Gn 1.2).

31. "Por que não morri eu na madre? Por que não expirei ao sair dela?" (3.11).

32. "Por que houve regaço que me acolhesse? E por que peitos, para que eu mamasse?" (3.12).

33. "Porque já agora repousaria tranquilo; dormiria, e, então, haveria para mim descanso" (3.13); "Ali, os maus cessam de perturbar, e, ali, repousam os cansados" (3.17); "Ali, os presos juntamente repousam e não ouvem a voz do feitor" (3.18).

34. "como os reis e conselheiros da terra que para si edificam mausoléus; ou com os príncipes que tinham ouro e encheram de prata as suas casas; ou como aborto oculto, eu não existiria, como crianças que nunca viram a luz" (3.14-16); "Ali, está tanto o pequeno como o grande e o servo livre de seu senhor" (3.19).

afirmações transmitem o estado de perturbação em que Jó se encontrava, pois julgava que somente a morte poderia lhe dar descanso. Sua agonia de alma revela também o sentimento de estar sendo injustiçado, visto que era tratado como culpado e, portanto, merecedor de punição. Passar por essa experiência o faz aspirar novamente pela morte, pois nela todos são iguais e não há distinção entre pessoas.

Antes de julgarmos Jó com severidade pela postura assumida, é bom lembrar que este homem havia perdido todos os seus bens, saúde, e, o que era mais terrível, sua família (cp. 1-2). Se refletirmos um pouco, é possível que por bem menos tenhamos sentimentos semelhantes aos dele.

Neste bloco vemos o lamento sobre "si mesmo". Quantas vezes deveríamos reconhecer tal situação em nossa existência! Olhar com seriedade e sinceridade para dentro de nós mesmos. Enfrentar os desajustes e insatisfações pessoais. Mas não fazemos. Temos receio! Por isso mesmo, há cristãos que vivem frustrados e cheios de traumas.

3. PROTESTO PELO SOFRIMENTO EM QUE VIVE - V. 20-26.

Somente neste momento Jó explicita a razão de ter amaldiçoado o dia de seu nascimento e o desejo de não ter nascido. Volta a falar da "luz"[35], mencionada na primeira parte, e da "vida"[36], citada na segunda. Ao unir os dois termos enfatiza que a vida está realmente envolta em caos e que não vale mesmo a pena viver[37]. Vemos nesta parte do capítulo o lamento "contra Deus", uma vez que o salmista reclama por Deus "cercar o homem de todos os lados", com o sentido de tolher suas ações (v. 23).

35. "Por que se concede luz ao miserável [...]" (3.20a).

36. "[...] e vida aos amargurados de ânimo," (3.20b).

37. "Por que se concede luz ao miserável e vida aos amargurados de ânimo, que esperam a morte, e ela não vem? Eles cavam em procura dela mais do que tesouros ocultos. Eles se regozijariam por um túmulo e exultariam se achassem a sepultura. Por que se concede luz ao homem, cujo caminho é oculto, e a quem Deus cercou de todos os lados?" (3.20-23)

Pela primeira vez no livro o personagem principal tece uma crítica direta ao criador. Por que Deus dá luz e permite que o homem viva, se ele mesmo continuamente o prende e o cerca? Novamente, devemos perceber que nosso personagem não fala apenas de si mesmo, mas reflete a situação de muitos outros. Ele faz menção ao "miserável" e aos "amargurados de ânimo" (v. 20). O problema pelo qual passa não é exclusividade sua. Eram vivências de sua sociedade, assim como de outras no decorrer dos séculos. Por fim, Jó expõe seu sofrimento com imagens fortes: ao invés de pão, tem gemidos; o que teme lhe sobrevém; não tem descanso e está muito perturbado (v. 24-26).

CONCLUSÃO

Este capítulo nos assusta um pouco. Após os dois primeiros capítulos, esperávamos um homem calmo, administrando seu sofrimento. Mas o que vemos é alguém que já não suporta mais sofrer. Diríamos hoje: "tenha fé". Mas é exatamente por ter fé que Jó lamenta e questiona Deus. O lamento é o primeiro passo para a libertação do sofrimento. É o questionamento a Deus mediante a fé. É a fé que dá coragem ao crente para perguntar: afinal, como Deus pode, em meio a tanto caos, ser Senhor de tudo?

A resposta cabe a Deus. E ele a dará no decorrer do livro.

A questão sobre a qual devemos refletir é: talvez não entendamos Jó porque nunca sofremos como ele. É muito cômodo exigir de outros fé, paciência e fidelidade a Deus quando não somos aqueles que enfrentam as dificuldades. Se passássemos pelo mesmo tipo de sofrimento de Jó, talvez nossa espiritualidade não suportasse. É necessário que experimentemos as tribulações para que possamos compreender existencialmente o sofrimento do outro[38].

38. "É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus" (2 Co 1.4).

Para quem sofre, o lamento é uma benção. Ele permite que primeiramente extravasemos nossos questionamentos, dores e fantasmas, para em seguida sermos fortalecidos por Deus. Somente assim podemos continuar perseverando e olhando à frente a fim de vislumbrarmos o livramento que Deus trará. Os grandes homens e as grandes mulheres de Deus sempre agiram assim. Jesus também!

CICLO DE DISCURSOS

CAPÍTULOS 4 - 27

INTRODUÇÃO

Começamos agora a análise de um grande bloco que compreende os capítulos 4 a 27. Após Jó expressar seu lamento (cp. 3), seus amigos, que até então estavam calados (2.13) não conseguem mais permanecer silentes e manifestam-se. Temos a partir daí uma sequência de diálogos. Os amigos discursam e Jó responde. Eles afirmam que Jó sofre por ter pecado. Ele responde com a negativa. Nem sempre conseguimos perceber uma lógica precisa em suas falas devido à complexidade do assunto que abordam e também por Jó encontrar-se em sofrimento.

Devemos refletir sobre a função que esta seção exerce no livro. Considerando as informações fornecidas pelo narrador (1.1, 22; 2.10b) e por Deus (1.8; 2.3) sobre a inocência de Jó, e do desagrado divino diante dos discursos dos amigos (42.7-8), concluímos que

esta divisão visa desmascarar a religiosidade convencional dos companheiros de Jó, como a análise mostrará. A forma de expressão literária é a "linguagem de sabedoria", presente principalmente neste livro, em Provérbios e em Eclesiastes.

Sabedoria é a reflexão a respeito do mundo a partir da análise daquilo que está à volta daquele que reflete. Percebe-se Deus nos acontecimentos da vida, e tais acontecimentos direcionam o crente para servi-lo. Deus é justo e age de modo ordeiro. Portanto, a criação e os seres humanos devem manifestar o caráter do criador. Os amigos de Jó veem a sabedoria dessa forma: ela sempre manifesta a ordem do mundo. Se uma pessoa sofre algum mal, ela certamente praticou algo que interferiu na ordem universal estabelecida por Deus que a levou a merecer tal punição. Em um mundo ordenado, o sofrimento só pode ser explicado por meio do conceito de "retribuição".

Mas nem sempre essa é uma visão satisfatória da realidade. Existe o pecado no mundo, não apenas pessoal, mas estrutural, que desorganiza o universo, as relações entre os seres humanos e a criação, entre os próprios seres humanos e destes com Deus. Portanto, em diversas situações não é possível aplicar diretamente o conceito de causa e efeito contido na retribuição. O papel de Jó no desenrolar da história é evidenciar que somente a concepção mecânica da sabedoria, como uma relação de ação/reação entre Deus e suas criaturas, não é mais suficiente para explicar a complexidade da vida. Jó sofre, mas não em decorrência do pecado. A retribuição não funciona com ele. O protagonista é apresentado pelo narrador como alguém que questiona a concepção da sabedoria do ponto de vista retributivo, indicando que ela também pode exercer outra função: revelar a "desordem no mundo".

O caos no qual o mundo se encontrava (e se encontra) é exemplificado no sofrimento de Jó. Para ele e tantos que padecem à sua semelhança deve existir outra resposta. É necessário buscar outra forma de refletir sobre o problema. Nesse sentido, a sabedoria exerce a função profética de denunciar o pecado como o responsável pelo desajuste a que está sujeita a criação, e de explicitar que tal quadro se manifesta em todos os níveis da existência. A vida humana se

desenvolve em uma tensão: por um lado há, de fato, a ordem do universo que manifesta a ação e sabedoria de Deus; paralelamente, contudo, existem os reflexos do pecado que trazem desacertos e dificuldades à humanidade. A temática do livro de Jó se inscreve na segunda categoria. É isso que Jó afirma a todo o momento e que seus amigos não compreendem e não aceitam. Essa é uma questão da maior relevância para nós, hoje, no Brasil. Esse é o assunto dos capítulos 4 a 27.

ESTRUTURA

Como o texto bíblico abordado neste capítulo é muito extenso, este capítulo será desenvolvido por tópicos que permitirão uma visão de conjunto do "ciclo de discursos". Como já dissemos, estes capítulos se constituem em discursos dos amigos e respostas de Jó. Para melhor entendimento, analisaremos cada um deles separadamente.

1. DISCURSOS DOS AMIGOS DE JÓ

Os discursos dos amigos de Jó podem ser divididos em "elementos pessoais" e "argumentação". Os elementos pessoais apresentam os momentos no diálogo em que os amigos falam diretamente com Jó apelando para sua experiência de vida[39]. Já a argumentação apresenta um desenvolvimento lógico que visa convencer o amigo com a utilização de exemplos[40].

39. A título de exemplo, apresento um trecho dos "elementos pessoais" na voz dos três amigos de Jó presentes no primeiro ciclo (cp. 4-14): Elifaz: "Eis que tens ensinado a muitos e tens fortalecido mãos fracas. As tuas palavras têm sustentado aos que tropeçavam, e os joelhos vacilantes tens fortificado. Mas agora, em chegando a tua vez, tu te enfadas; sendo tu atingido, te perturbas" (4.3-5). Bildade: "Mas, se tu buscares a Deus e ao Todo-poderoso pedires misericórdia, se fores puro e reto, ele, sem demora, despertará em teu favor e restaurará a justiça da tua morada" (8.5-7). Zofar: "Se dispuseres o coração e estenderes as mãos para Deus; se lançares para longe a iniquidade da tua mão e não permitires habitar na tua tenda a injustiça [...]" (11.13-14).

40. Cito trechos dos "argumentos" dos amigos de Jó que fazem parte do primeiro ciclo (cp. 4-14): Elifaz: "Segundo eu tenho visto, os que lavram a iniquidade e semeiam o mal, isso mesmo eles segam" (4.8). Bildade: "Porventura, não te ensinarão os pais,

Lembrando a estrutura do livro, este ciclo de discursos divide-se em três partes, sendo que nas duas primeiras Elifaz, Bildade e Zofar falam e Jó responde. No terceiro ciclo Zofar está ausente.

Abaixo estão estruturados os discursos nos três ciclos com os elementos pessoais na primeira coluna e os elementos de argumentação na segunda:

1º. Ciclo - cp. 4-14		
	Elementos pessoais	Argumentação
Elifaz	4.2-7; 5.8, 17, 27	4.8-21; 5.1-7, 9-16, 18-26
Bildade	8.2-7, 20-22	8.8-19
Zofar	11.2-6, 13-14	11.7-12, 15-20

2º. Ciclo - cp. 15-21		
	Elementos pessoais	Argumentação
Elifaz	15.2-13	15.14-16, 17-35
Bildade	18.2-4	18.5-21
Zofar	20.2-5	20.6-29

não haverão de falar-te e do próprio entendimento não proferirão estas palavras: Pode o papiro crescer sem lodo? Ou viça o junco sem água?" (8.10-11). Zofar: "Porque há esperança para a árvore, pois, mesmo cortada, ainda se renovará, e não cessarão os seus rebentos. [...] O homem, porém, morre e fica prostrado; expira o homem e onde está?" (14.7, 10).

3º. Ciclo - cp. 22-27		
	Elementos pessoais	Argumentação
Elifaz	22.2-15, 21-28, 30b	22.16-20, 29-30
Bildade		25.2-6

Podemos verificar na tabela acima que no "primeiro ciclo" os elementos pessoais e a argumentação apresentam-se em partes praticamente iguais. Com isso pode-se concluir que os amigos de Jó tentam levá-lo se arrependimento utilizando tanto o discurso argumentativo quanto o experiencial. No "segundo ciclo" há mais argumentação. Os amigos introduzem os seus pontos de vista e discutem com Jó. A ênfase está na apresentação de fatos. Já no "terceiro ciclo" os elementos pessoais são mais presentes, por intermédio do discurso de Elifaz, em uma clara intenção de acusar o patriarca a respeito de seu comportamento. É provável que os amigos já tivessem perdido a esperança de convencê-lo. Há também um aumento de intensidade que corre do primeiro para o terceiro ciclo, naquilo que é dito por Elifaz, Bildade e Zofar. Dos conselhos iniciais (4.2-7)[41], aqueles homens concluem com acusações explícitas (cf. 22.5-11)[42]. Para eles Jó parece um caso perdido!

2. DISCURSOS DE JÓ

Olhemos agora para o segundo item do ciclo de discursos: aqueles proferidos por Jó em resposta aos amigos. De forma sintética procuraremos identificar seus conteúdos e acentos principais.

Nestes discursos existem duas constantes: na primeira, Jó responde aos amigos, algumas vezes acusando-os, outras apenas

41. Cf. o discurso de Elifaz na nota n. 39.

42. Por exemplo: "Porventura, não é grande a tua malícia, e sem termo, as tuas iniquidades?" (22.5).

lamentando-se; na segunda, ele sempre se dirige a Deus, inquirindo-o, lamentando-se etc. Os dois elementos: resposta a seus amigos e busca de Deus não são facilmente observáveis por estarem em vários momentos entrelaçados.

3. TEMAS NOS CICLOS DE DISCURSOS

Apresentaremos agora o esquema das argumentações de Jó e de seus amigos. Os temas dos discursos, que apresentam seu conteúdo, estão diluídos entre os elementos pessoais e a argumentação dos amigos de Jó, uma vez que estes representam os dois tipos de gêneros discursivos do texto[43].

	1º. Ciclo cp. 4-14	2º. Ciclo cp. 15-21	3º. Ciclo cp. 22-27
Argumentos dos amigos			
A sorte dos ímpios: Elifaz, Bildade Zofar	4.7-11; 5.2-7 8.8-19 11.20	15.17-35 18.5-21 20.4-29	22.15-18
A felicidade dos justos: Elifaz Bildade Zofar	5.17-21, 25-26 8.5-7, 20-22 11.15-19		22.21-30
Nada é puro diante de Deus: Elifaz Bildade	4.17-21	15.14-16	25.4-6

43. Dessa forma, enquanto o tema da "sorte dos ímpios" no discurso de Elifaz abrange 4.7-11, nos gêneros discursivos temos: os "elementos pessoais" em 4.2-7 e a "argumentação" em 4.8-21.

Respostas de Jó			
As limitações do ser humano:	7.17; 9.2-11 13.28-14.12		
Os desmentidos da: a) experiência comum: b) experiência de Jó:	12.6 9.22-24; 10.1-8;13.2	21.27-34 21.2-26	24.1-25

Podemos perceber no quadro que os amigos de Jó assumem uma posição extremamente convicta quando argumentam contra ele: os ímpios acabarão mal, os justos no final serão felizes e ninguém pode questionar Deus, pois somente ele é puro e santo. É a visão da sabedoria em sua expressão retributiva, conforme comentamos no começo deste capítulo. Bem, isso parece bom, verdadeiro, espiritual. Jó, no fundo, não discute o mérito dessas declarações. Mas o questionamento que levanta é: "tais afirmações não se aplicam a mim!"

Em suas respostas, começa primeiramente discorrendo a respeito das "limitações do ser humano". Afirma sua finitude e dificuldade em compreender os caminhos de Deus (9.2-11[44]). Não é tão simples assimilar as ações divinas como seus amigos pretendem que seja. Jó não as entende e opõe-se aos amigos, pois acha que estes, com seus conselhos, também não estão discernindo os caminhos do Senhor. Ele afirma veementemente que, à semelhança dos que o aconselham, igualmente possui sabedoria[45].

Para provar o que diz apresenta os "fatos da experiência humana". Como entender que os tiranos vivam em paz, e que aqueles que provocam a Deus estejam seguros[46]? A partir de sua própria

44. Especialmente o v. 11: "Eis que ele passa por mim, e não o vejo; segue perante mim, e não o percebo".

45. "Então, Jó respondeu: Na verdade, vós sois o povo, e convosco morrerá a sabedoria. Também eu tenho entendimento como vós; eu não vos sou inferior; quem não sabe cousas como essas?" (12.1-3).

46. "As tendas dos tiranos gozam paz, e os que provocam a Deus estão seguros; têm o punho por seu deus" (12.6).

experiência Jó indaga a Deus diretamente sobre o seu sofrimento. Se não é culpado, por que sofre (10.1-8)[47]? Por isso leva seu lamento diante do Todo-Poderoso. Mais à frente, não sendo compreendido por seus amigos (ou inimigos?!), Jó apelará enfaticamente a Deus:

> Tomara eu tivesse quem me ouvisse!
> Eis aqui a minha defesa assinada!
> Que o Todo-Poderoso me responda!
> Que o meu adversário escreva a sua acusação! (31.35).

Somente ele poderá resolver seu problema.

CONCLUSÃO

A intenção do ciclo de discursos é mostrar como a sabedoria estava em crise a partir do conceito de um mundo ordenado e da prática da retribuição. Tal fato fica evidenciado na forma como os amigos de Jó o consolaram/acusaram. Eles possuíam discursos bem elaborados e o amigo foi criticado quando discordou. Mas a realidade não era tão simples. Jó afirmou inocência. Não tinha pecado, dizia ele, contudo sofria. Seus amigos não foram capazes de refletir sobre essa nova situação.

Algumas (ou muitas!) vezes nós, cristãos, incorremos nesse mesmo erro. Vemos um mundo sofrendo à nossa volta e o que dizemos? Não estaremos vivendo uma crise de conteúdo? Não estaremos dando respostas semelhantes às dos amigos de Jó ao afirmarmos àqueles que sofrem que tudo vai dar certo, ou então que eles estão em pecado, são indolentes, ou que estão endemoninhados e por isso Deus os está castigando? Mesmo dentro de igrejas com teologias sérias é provável que ouçamos respostas fáceis demais para as dores e conflitos que o mundo vive. Falta de fé ou de compromisso com Cristo! Castigo a pecados ocultos! Pobreza! Mas existem muitos cristãos que são fiéis, tementes a Deus, trabalhadores, espirituais... e que sofrem. Precisamos reconhecer que estamos em meio a uma crise de conhecimento, ou melhor, de falta de conhecimento!

47. Cf. 10.7: "Bem sabes tu que eu não sou culpado; todavia, ninguém há que me livre a tua mão".

Nossas respostas não conseguem apreender a profundidade do sofrimento. É necessário considerar a situação não apenas no plano individual, mas no contexto da desordem universal trazida pelo pecado. Na realidade, o pecado não afetou apenas os seres humanos, mas suas relações sociais, comunitárias, e com toda a criação. Tal é o dilema de Jó. Não vê e não aceita, em sua vida, que exista ligação entre causa e efeito. Mas sente-se inserido num contexto de desarmonia que o atinge.

A crise de conteúdo que nos envolve quando nos defrontamos com a dor dos nossos semelhantes só será resolvida se nos dispusermos a ouvir os Jós que estão à nossa volta, ou mesmo dentro de nós mesmos. É necessário reconhecer que necessitamos da sabedoria divina para enfrentar os mais terríveis problemas de nosso país, sejam eles espirituais, econômicos, sociais, raciais etc., todos eles fruto do pecado, que produzem a cada dia novos sofredores. Precisamos de uma mensagem cristã que seja relevante para eles!

POEMA DA SABEDORIA

CAPÍTULO 28

INTRODUÇÃO

Notamos no ciclo de discursos (cp. 4-27) que os amigos de Jó iniciam seus discursos falando cuidadosamente, mas ao final, o acusaram de modo explícito e categórico. Jó, defendendo-se, advoga sua inocência diante dos acusadores e derrama seu lamento na presença de Deus. Esse embate apresenta, de um lado, a visão estática da sabedoria, segundo o ponto de vista da retribuição advogada pelos amigos de Jó, e de outro, uma nova abordagem que surge diante da crise na qual a sabedoria está imersa, mostrando que o mundo não é tão organizado como gostaríamos que fosse. O sofrimento de Jó é exemplo disso. Como devemos encarar tal situação? O capítulo 28, o "poema da sabedoria", traz um direcionamento para a questão.

Há certa discussão sobre quem teria proferido o poema da sabedoria. Ele seria uma continuação do capítulo 27, contendo,

portanto, as palavras do patriarca? Ou então representaria as opiniões de algum de seus amigos? Nenhuma das duas opções é viável, visto que o capítulo introduz um tom mais tranquilo e sereno ao livro, bem diferente daquele empregado até agora. Se fosse pronunciado pelo protagonista ou seus amigos, isso implicaria uma mudança drástica de ponto de vista. A opção mais provável é considerar este texto como uma unidade independente que manifesta a visão do narrador, à parte do capítulo anterior.

Já travamos contato com o narrador nos capítulos 1 e 2 quando descreveu a felicidade de Jó, apresentou as provações do ancião como resultado da ação de Satanás autorizada por Deus, e avaliou aquele sofredor como homem "íntegro e reto" (1.1,8). A partir do capítulo 3 o narrador saiu de cena e introduziu o lamento de Jó (cp. 3) e o ciclo de discursos (cp. 4-27). O narrador retorna no capítulo que estamos considerando. Seu reaparecimento é importante visto que ele sempre procura orientar o leitor. É exatamente isso que faz neste capítulo.

O capítulo 28 funciona como uma pausa no desenvolvimento do enredo. Após o ciclo de discursos que se desenrolou em um grau crescente de intensidade, este capítulo introduz uma diminuição de ritmo para que, com calma, nós, leitores, façamos uma avaliação de tudo quanto Jó e seus amigos disseram. O narrador nos guia nessa avaliação. O capítulo também antecipa a manifestação divina que se dará nos capítulos 38 a 41, quando o ponto de vista divino diante do drama de Jó será expresso.

ESTRUTURA

O poema se estrutura em torno dos versículos 12 e 20, que formam uma espécie de refrão, repetindo a pergunta pelo lugar em que se pode encontrar a sabedoria[48]. Temos então uma primeira divisão que vai do v. 1 ao v. 11; uma segunda que começa com o v. 12, indo até o v. 19; e uma última que compreende os vs. 20 a 28.

48. "Mas onde se achará a sabedoria? E onde está o lugar do entendimento?" (28.12); "Donde, pois, vem a sabedoria, e onde está o lugar do entendimento?" (28.20).

1. CÂNTICO EM HOMENAGEM AO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO DO SER HUMANO - V. 1-11.

Vemos nesse capítulo o desenvolvimento do ser humano nos domínios da tecnologia metalúrgica. A prata e o ouro são encontrados nas minas[49], o ferro no subsolo e o cobre nas pedras[50]. Todos eles estão nas profundezas da terra, escondidos, distantes daqueles que os procuram. O homem, porém, almeja possuí-los e se dispõe a transpor qualquer obstáculo. Para tanto, vence a escuridão[51] que sempre amedrontou a humanidade e simboliza a distância de Deus[52]. Abre galerias na terra e fica suspenso em cordas para penetrar nelas[53]. Finalmente encontra a safira e o ouro[54]. Utilizando desenvolvimento tecnológico o ser humano muda a geografia da terra revolvendo montes[55] e alterando o curso das águas[56] para evitar a inundação das minas. Tal desenvolvimento é desconhecido dos animais[57]. De fato, é incrível o que a humanidade, do ponto de vista tecnológico, tem realizado e conquistado no decorrer dos séculos.

Entretanto, embora possua tecnologia, ciência etc., o ser humano

49. "Na verdade, a prata tem suas minas, e o ouro, que se refina, o seu lugar" (28.1).

50. "O ferro tira-se da terra, e da pedra se funde o cobre" (28.2).

51. "Os homens põem termo à escuridão [...]" (28.3a).

52. A frase no Salmo 139.11: "Se eu digo: as trevas, com efeito, me encobrirão [...]" revela a antiga concepção de que a escuridão ocultava o ser humano da presença divina.

53. "Abrem entrada para minas [...] dependurados, oscilam de um lado para outro" (28.4).

54. "Nas suas pedras se encontra safira, e há pó que contém ouro" (28.6).

55. "Estende o homem a mão contra o rochedo e revolve os montes desde as suas raízes" (28.9).

56. "tapa os veios de água, e nem uma gota sai deles [...]" (28.11).

57. "Essa vereda, a ave de rapina a ignora, e jamais a viram os olhos do falcão. Nunca a pisaram feras majestosas, nem o leãozinho passou por elas" (28.7-8).

não domina a sabedoria[58]. A posse de tais elementos não evidencia, necessariamente, a presença da verdadeira sabedoria. Esse fato é muito importante, pois no decorrer da história humana tem havido uma busca insana pela sabedoria. Na maioria das vezes, infelizmente, testemunhamos uma história de frustrações. E, de modo perverso, o fruto da sabedoria que Deus, em sua graça concede à humanidade, ao invés de ser usado para o bem, torna-se instrumento para guerras, destruição, opressão e morte.

Temos vivenciado essa questão atualmente. Em lugar da felicidade e do bem estar prosperarem com o desenvolvimento da ciência e do conhecimento, vemos exatamente o contrário. Por quê? Porque a sabedoria humana está desvinculada do temor do Senhor[59]. Onde não há reconhecimento de que Deus é o autor e doador do conhecimento haverá sempre o uso da razão em benefício do egoísmo e ambição humanos.

Evidência disso é a preocupação com as questões éticas que o desenvolvimento científico tem despertado. A clonagem e a utilização de células tronco, na área genética; armas biológicas e desenvolvimento tecnológico ilimitado, no campo militar; alimentos transgênicos, conservantes, corantes e produtos cancerígenos, na indústria de alimentação; de modo geral, a preocupação com os elementos que constituem a sustentabilidade do planeta tem ocupado a agenda de governos e entidades não governamentais. Fator complicador é a globalização, com seus grandes grupos econômicos que detêm o fluxo financeiro mundial, e que se tornam, na prática, aqueles que viabilizarão ou não projetos que trarão resultados relevantes para a população mundial.

Os primeiros 11 versículos deste capítulo são utilizados pelo narrador para mostrar que o ser humano tem fracassado na busca e na prática da verdadeira sabedoria - apesar do avanço, tanto da sociedade daquela época como da nossa.

---

58. "Mas onde se achará a sabedoria? E onde o está o lugar do entendimento?" (28.12).

59. "Eis que o temor do Senhor é a sabedoria, e o apartar-se do mal é o entendimento" (28.28).

2. A IMPOSSIBILIDADE DE SE COMPRAR A SABEDORIA - V. 12-19.

Mesmo com todo o desenvolvimento, o ser humano não encontra a sabedoria[60]. Frustrado, busca outro meio para consegui-la. Faz uso de um último recurso. Aquele que, esgotadas todas as possibilidades, é visto sempre como a solução para todos os impasses: o poder econômico. Em sua prepotência, o homem, inutilmente, anela comprar a sabedoria[61]. Não conhece, contudo, seu valor[62]. Nada se compara a ela, nem o ouro e o cristal[63], nem o topázio[64]. A sabedoria é mais valiosa do que as pérolas[65]. A humanidade deve aprender que nem tudo se obtém com dinheiro.

Com a descrição da impossibilidade da aquisição da sabedoria, o narrador afirma que os valores econômicos mais preciosos para seus contemporâneos não se comparam com o real valor que a sabedoria pode agregar às suas vidas.

Vemos aqui uma questão bem própria do ser humano em qualquer época. Durante séculos a sabedoria humana tem sido colocada "à venda", e mesmo os ignorantes, quando possuem recursos, podem adquiri-la. Faz-se dela um instrumento de comércio e enriquecimento, posto que toda busca de conhecimento/sabedoria visa lucro. Os sábios, cientistas e intelectuais, raras as exceções, estão a serviço dos poderosos. Paga-se bem para ter "cérebros" à disposição. Mas a sabedoria divina não se presta a esse papel. Deus não pode ser subornado por nenhuma riqueza.

---

60. Cf. nota n. 58.

61. "Não se dá por ela [a sabedoria] ouro fino, nem se pesa prata em câmbio dela" (28.15).

62. "O homem não conhece o valor dela [a sabedoria] [...]" (28.13a); "O seu valor [da sabedoria] não se pode avaliar pelo ouro de Ofir, nem pelo precioso ônix, nem pela safira" (28.16).

63. "O ouro não se iguala a ela [a sabedoria], nem o cristal" (28.17).

64. "Não se lhe igualará o topázio da Etiópia" (28.19).

65. "[...] a aquisição da sabedoria é melhor que a das pérolas" (28.18b).

3. A SABEDORIA ESTÁ COM DEUS - V. 20 - 28.

Pela segunda vez surge a pergunta: "de onde vem a sabedoria?"[66] (v. 20). A resposta é que ela está encoberta aos homens[67]. Mas agora a réplica não é de todo negativa. Deus sabe onde ela está[68], visto que é o criador de todas as coisas[69]. Na realidade, a sabedoria está com ele[70]. Deus, porém, não a retém como exclusividade sua. Quer compartilhá-la. Não só isso, ele ensina o caminho para adquiri-la: "o temor do Senhor" (v. 28). Portanto, toda vez que o ser humano tenta obter a sabedoria à parte de Deus ele se frustra ou atinge resultados questionáveis; mas quando, em humildade, se aproxima do criador, ele recebe dele sabedoria para relacionar-se com seus semelhantes e com o mundo. Os versículos deste bloco conduzem o ser humano ao seu verdadeiro lugar. Ele não é senhor onipotente; pelo contrário, ele é uma criatura e depende de seu criador e da sabedoria concedida por ele para compreender a realidade à sua volta.

CONCLUSÃO

Percebemos neste capítulo um posicionamento radical do narrador em relação à sabedoria. Ele mostra-nos enfaticamente que a sabedoria é "inatingível". Ele explicita a crise na qual a sabedoria se encontra, mostrando que é impossível adquiri-la somente pela observação daquilo que nos cerca, pela ordem do universo.

O texto atinge os amigos de Jó. Eles possuíam um pensamento matemático: todas as coisas estão colocadas em uma ordem lógica; se algo de errado acontece a alguém e que perturba essa ordem, isso

66. Cf. nota n. 48.

67. "Está [a sabedoria] encoberta aos olhos de todo vivente [...]" (28.21a).

68. "Deus lhe entende o caminho [da sabedoria], e ele é quem sabe o seu lugar" (28.23).

69. Cf. 28.24-26, principalmente o v. 24: Porque ele [Deus] perscruta até as extremidades da terra, vê tudo o que há debaixo dos céus".

70. "então, viu ele [Deus] a sabedoria e a manifestou; estabeleceu-a e também a esquadrinhou" (28.27).

se deve ao seu pecado. O narrador mostra-nos que tal raciocínio não preenche todos os espaços. Há situações em que ele não consegue explicar os fatos, como no caso de Jó. Isso em razão da sabedoria não ser uma "possessão" do ser humano. Ela tem inúmeras variantes, e somente quando se busca a presença de Deus em humildade é que se pode compreendê-las (ou não). O narrador tece uma crítica a toda posição dogmática e cruel que usa a religião para acusar e destruir outras pessoas. Devemos aprender a lição. Há cristãos que se julgam capazes de diagnosticar os males alheios sem titubear. Sempre trazem uma receita pronta. Contudo, a vida não é tão simples assim. É muito provável que nossa sabedoria não seja tão ampla e profunda quanto pensamos. Haverá momentos em que teremos que nos aquietar, conscientes de que não sabemos o que acontece, e que, por isso mesmo, não temos nada a dizer. Nessas horas a postura de silêncio e espera do salmista revela sabedoria[71] (Sl 131).

Creio que o capítulo 28 também fala a Jó. Em seu sofrimento, em sua luta solitária com os amigos e em seus apelos dramáticos a Deus, agarrando-se em sua inocência, ele é lembrado que a sabedoria também não está com ele, mas continua com o Senhor. Ao questionar a sabedoria tradicional, o narrador também alerta Jó de que existem fatos que escapam ao seu conhecimento. Na ânsia por descobri-los junto a Deus, é provável que ele vá um pouco longe demais. O texto parece querer indicar que o problema de Jó não é sua afirmação de inocência, mas "como" ele a tem afirmado na presença de Deus. E este fará menção a isso quando falar diretamente com Jó nos capítulos seguintes.

As advertências acima se aplicam também a nós. O fato de podermos lamentar pelo sofrimento que nos alcança não significa que tenhamos liberdade para falarmos tudo que quisermos ou de nos considerarmos certos, simplesmente por estarmos sofrendo. Com toda certeza, podemos abrir nossos corações diante de Deus. Mas devemos lembrar, por outro lado, que ele é o Senhor e nós os servos. Há enorme distância entre o lamento daquele que tem fé e

71. "[...] fiz calar e sossegar a minha alma; como a criança desmamada se aquieta nos braços de sua mãe, como essa criança é a minha alma para comigo" (Sl 131.2).

a cobrança daquele que julga ter o direito de fazê-la. Este capítulo nos adverte que, ao final, toda a verdade está com Deus. Em nossa vida e em nossos relacionamentos esse fato deve fazer-nos pensar duas vezes antes de afirmarmos "nossa sabedoria" diante de outras pessoas ou de defendermos nossas posições diante dos erros alheios, ou mesmo na presença de Deus.

MONÓLOGO DE JÓ

CAPÍTULOS 29-31

INTRODUÇÃO

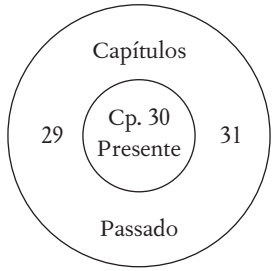
Os capítulos 29 a 31 relacionam-se com o terceiro, que apresentou o primeiro monólogo de Jó. Nele, o velho e sofrido Jó lamentou seu sofrimento e desejou a morte. Seus amigos ficaram irados com suas palavras e começaram uma série de diálogos com ele que intitulamos de ciclo de discursos (cp. 4-27). Após esse bloco e o poema da sabedoria (cp. 28), temos o segundo monólogo de Jó. É o último discurso do ancião no livro: "Fim das palavras de Jó" (31.40b). Como a desavença com os amigos permanece, ele resolve levar sua questão à presença de Deus:

> Tomara eu tivesse quem me ouvisse!
> Eis aqui a minha defesa assinada!
> Que o Todo-Poderoso me responda!
> Que o meu adversário escreva a sua acusação! (31.35).

Como este monólogo representa a última chance de Jó apresentar sua causa, o texto é muito carregado, enfático. O bloco une-se ao capítulo anterior a partir de 28.28. O versículo apresenta o "temor do Senhor" como o caminho para a obtenção da "sabedoria". O narrador afirmou anteriormente que Jó é "temente a Deus" e que "se aparta do mal" (1.1, 8; 2.3). Por isso, parece-me que 28.28 apresenta implicitamente a questão: será que o temor de Jó o levará a tornar-se sábio e a proferir um discurso que revele tal sabedoria? O capítulo 31 evidenciará esse comportamento. Ademais, como Deus é o único detentor da sabedoria[72], é com ele que Jó irá buscar respostas para seu sofrimento.

ESTRUTURA

Os capítulos se estruturam, por um lado, a partir de uma categoria "temporal". Temos o capítulo 30 tratando da "situação presente", e os capítulos 29 e 31 referindo-se ao "passado" de Jó, envolvendo o cp. 30 como um círculo concêntrico.



Por outro lado, os capítulos se apresentam numa perspectiva "ascendente". A partir do capítulo 29 o enredo vai se desenvolvendo cada vez mais enfaticamente até chegar a seu ápice, o momento em que Jó apresenta sua causa diante de Deus (31.35).

72. 28.23. Cf. nota n. 68.

Dividirei o texto seguindo os capítulos:
- cp. 29 - recordação dos tempos de felicidade;
- cp. 30 - descrição da situação presente;
- cp.31 - declaração de inocência.

1. RECORDAÇÃO DOS TEMPOS DE FELICIDADE - CP. 29.

O texto começa com a descrição dos tempos em que Deus guardava Jó[73], quando lhe dava sua direção[74], quando a "amizade de Deus estava sobre sua tenda" (v. 4). Jó se lembra também da felicidade familiar que gozava, "[...] quando o Todo-Poderoso ainda estava comigo, e os meus filhos, em redor de mim" (v. 5), e da abundância que desfrutava, simbolizada por "lavar os pés no leite" e pelos "ribeiros de azeite" correndo sobre a rocha, representando os lagares onde as azeitonas eram moídas (v. 6).

Os versículos 18 a 20 desempenham papel central no capítulo, tanto por sua importância quanto pelo lugar em que estão colocados. No centro do texto, dão sentido aos versículos que os cercam. Nos vs. 18-20 Jó manifesta a esperança de uma vida longa[75] e honrada[76]. Tal expectativa é nutrida pelo destaque que gozara no seio da sociedade e pelo respeito que ela lhe tributara, indicados nos versículos anteriores e posteriores aos v. 18-20 (v. 7-10, 21-25). Ele se assentava na porta/praça da cidade, possivelmente para julgar as causas civis que ali eram levadas[77] (cf. Rt 4.1-2, 9-10[78]).

73. "Como nos dias em que Deus me guardava!" (29.2b).

74. Em 29.3 a lâmpada e sua luz apresentam a ideia de direção provinda de Deus: "Quando fazia resplandecer a sua [de Deus] lâmpada sobre a minha cabeça, quando eu, guiado por sua luz, caminhava pelas trevas".

75. "Eu dizia: no meu ninho expirarei, multiplicarei os meus dias como a areia" (29.18).

76. "a minha honra se renovará em mim, e o meu arco se reforçará na minha mão" (29.20).

77. "Quando eu saía para a porta da cidade, e na praça me era dado sentar-me" (29.7).

78. "Boaz subiu à porta da cidade e assentou-se ali. Eis que o resgatador de que Boaz havia falado ia passando; então, lhe disse: Ó fulano, chega-te para aqui e assenta-te; ele se virou e se assentou. Então, Boaz tomou dez homens dos anciãos da

Era respeitado, visto que até os idosos se levantavam quando ele passava[79]. Suas palavras eram sábias e seus conselhos desejados[80]. Era tido como chefe da cidade ou vila[81]. Talvez o mais importante, contudo, fosse sua atitude de amor e misericórdia para com os que sofriam (v. 12-16). Livrava os pobres e os órfãos[82], consolava os que estavam para morrer e alegrava as viúvas[83], ajudava os cegos e os coxos[84] e era tido como pai dos necessitados[85]. Sua ação, porém, era implacável contra os iníquos[86]. Vemos aqui o protótipo do justo segundo o Antigo Testamento.

Temos nestes versículos uma descrição mais pormenorizada da vida de Jó do que aquela apresentada nos dois primeiros capítulos do livro. Devemos notar que aqui não existe nenhuma falsa modéstia da parte deste homem de Deus, visto que o que ele fala sobre si é confirmado pelos capítulos 1 e 2. Ele era, de fato, um homem abençoado e rico!

---

cidade e disse: Assentai-vos aqui. E assentaram-se (Rt 4.1-2); "Então Boaz disse aos anciãos e a todo o povo: Sois, hoje, testemunhas de que comprei da mão de Noemi tudo o que pertencia a Elimeleque, a Quiliom e a Malom; e também tomo por mulher Rute, a moabita, que foi esposa de Malom, para suscitar o nome deste sobre a sua herança, para que este nome não seja exterminado dentre seus irmãos e da porta da sua cidade; disto sois, hoje, testemunhas" (Rt 4.9-10).

79. "[...] os idosos se levantavam e se punham em pé" (29.8b).

80. "Os que me ouviam esperavam o meu conselho e guardavam silêncio para ouvi-lo" (29.21).

81. "Eu lhes escolhia o caminho, assentava-me como chefe e habitava como rei entre as suas tropas, como quem consola os que pranteiam" (29.25).

82. "porque eu livrava os pobres que clamavam e também o órfão que não tinha quem o socorresse" (29.12).

83. "A bênção do que estava a perecer vinha sobre mim, e eu fazia rejubilar-se o coração da viúva" (29.13).

84. "Eu me fazia de olhos para o cego e de pés para o coxo" (29.15).

85. "Dos necessitados era o pai e até as causas dos desconhecidos eu examinava" (29.16).

86. "Eu quebrava os queixos do iníquo e dos seus dentes lhe fazia eu cair a vítima" (29.17).

Quando vemos o sofrimento de Jó, falta-nos refletir com seriedade no drama humano pelo qual passou. Teremos passado por semelhante situação? Sermos frutíferos, abundantes, abençoados em todos os sentidos e, repentinamente, sofrermos aflições terríveis que nos levam os bens, a família e a saúde? Jó, pressionado por todos os lados, leva seu caso a Deus. Se estivéssemos em seu lugar, talvez nos encontrássemos longe dele, sem querer buscar sua presença, cheios de amargura no coração.

Jó não se recorda da felicidade vivida em outros tempos como se fosse um exercício de auto-compaixão. O capítulo 29 prepara o próximo, quando o protagonista, à luz de seu passado, analisará o presente.

2. DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO PRESENTE - CP. 30.

Este capítulo começa com as palavras: "Mas agora [...]" (v. 1), introduzindo um capítulo que traz a realidade presente de Jó, de sofrimento e desprezo, contrastando cruelmente com o capítulo anterior que descreveu seu passado.

O texto é construído em forma de "lamento". Como vimos no capítulo 3, esse gênero literário se move em três direções: contra os inimigos, contra Deus e contra si mesmo. Tal acontece aqui. Temos o lamento contra os inimigos (v. 1-15), contra si mesmo (v. 16-19, 24-31), e direcionado contra Deus (v. 20-23). Como podemos perceber, o lamento que se dirige a Deus ocupa o centro do capítulo, sendo, dessa forma, seu ponto principal.

No "lamento contra os inimigos" (v. 1-15), Jó descreve as pessoas que o desprezam (v. 1-8). Se outrora todos o exaltavam (29.7-10), agora mesmo os mais novos riem dele[87]; os homens repudiados pela sociedade[88] zombam dele e o humilham (v. 9- 15); com suas

87. "Mas agora se riem de mim os de menos idade do que eu [...]" (30.1a).

88. "Do meio dos homens são expulsos; grita-se contra eles, como se grita atrás de um ladrão; habitam nos desfiladeiros sombrios, nas cavernas da terra e das rochas" (30.5-6); "São filhos de doidos, raça infame, e da terra são escorraçados" (30.8).

canções fazem pilhérias[89]; fogem para longe e cospem em seu rosto[90]; levantam-se contra ele tentando destruí-lo[91]. Essa situação traz temores ao velho sofredor[92].

No "lamento sobre si mesmo" (v. 16-19, 24-31), Jó revela seus sentimentos mais íntimos diante do drama que passa. Vive dias de aflição[93]; noites de sofrimento[94]; e, acima de tudo, o que mais o atormenta é que não encontra sentido em sua crise, que, em última instância, provém de Deus[95]. Tudo isso dói ainda mais quando lembra de suas ações de justiça diante dos sofredores (v. 25[96], igual a 29.11-16), que, pela lógica, deveriam ser seguidas pelo bem e pela luz em sua vida. O que tem experimentado, no entanto, é o mal e a escuridão[97].

No "lamento contra Deus" (v. 20-23), Jó reclama do silêncio do Senhor[98]; da sua crueldade[99]; e crê que ele deseja sua morte[100].

89. "Mas agora sou a sua canção de motejo e lhes sirvo de provérbio" (30.9).

90. "Abominam-me, fogem para longe de mim e não se abstêm de me cuspir no rosto" (30.10).

91. "À direita se levanta uma súcia, e me empurra, e contra mim prepara o seu caminho de destruição. Arruínam a minha vereda, promovem a minha calamidade; gente para quem já não há socorro. Vêm contra mim como por uma grande brecha e se revolvem avante entre as ruínas" (30.12-14). Talvez estes versículos sejam uma descrição do desprezo que a sociedade nutria para com Jó naquele momento.

92. "Sobrevieram-me pavores [...]" (30.15).

93. Agora, dentro em mim se me derrama a alma; os dias da aflição se apoderam de mim" (30.16).

94. "A noite me verruma os ossos e os desloca, e não descansa o mal que me rói (30.17).

95. "Deus, tu me lançaste na lama, e me tornei semelhante ao pó e à cinza" (30.19).

96. "Acaso, não chorei sobre aquele que atravessa dias difíceis ou não se angustiou a minha alma pelo necessitado?" (30.25).

97. "Aguardava eu o bem, e eis que me veio o mal; esperava a luz, veio-me a escuridão. O meu íntimo se agita sem cessar; e dias de aflição me sobrevêm" (30.26-27).

98. "Clamo a ti, e não me respondes; estou em pé, mas apenas olhas para mim" (30.20).

99. "Tu foste cruel comigo; com a força da tua mão tu me combates" (30.21).

100. "Pois eu sei que me levarás à morte e à casa destinada a todo vivente" (30.23).

Sua principal queixa é que Deus tem agido contra ele. Embora seu lamento ocupe poucos versículos, ele é contundente e crescerá ainda mais de intensidade no capítulo 31. Esse é o aspecto mais profundo de sua dor, mais do que o mal que seus inimigos possam trazer e da consciência de sua fraqueza e limitação. Deus parece tê-lo abandonado e desejar seu mal. Por isso mesmo o lamento contra Deus ocupa o centro do capítulo.

Eis aqui novamente as três relações com as quais temos que nos defrontar no decorrer da vida: nossos inimigos, nós mesmos e Deus. Em seu sofrimento, Jó apresenta seus sentimentos em relação às três áreas da vida. Ele está profundamente perturbado. Só consegue sussurrar palavras de dor. Talvez Deus, que o tem atingido, o ouça, mesmo quando Jó o acusa.

Talvez achemos a atitude de Jó uma heresia. É provável que até se aproxime disso, mas na realidade sua postura representa a abertura total de um coração sofredor que clama a Deus. Possivelmente não encontraremos em nenhum outro lugar da Bíblia tamanho abismo cuja profundidade, caracterizada pelo sofrimento do ser humano e a distância aparente de Deus, se torne o caminho que nos conduz a Deus. Nos momentos de sofrimento pelos quais você passa, ao pensar na experiência de Jó, o que tem a dizer sobre seus inimigos, sobre você mesmo e sobre o próprio Deus quando se apresenta diante do trono de Deus?

3. DECLARAÇÃO DE INOCÊNCIA - CP. 31.

Como o capítulo 29, este texto traz recordações do passado. Mas enquanto o referido capítulo preparava a descrição do sofrimento vivido no presente (cp. 30) mediante o contraste, o capítulo 31 é mais prático, trazendo o passado à tona para afirmar a inocência de Jó diante de Deus.

O texto se apresenta sob a forma de um longo juramento que segue o esquema do exame de consciência. A estrutura é a seguinte: "*se* fiz tal coisa, *então* que me aconteça [...]"[101]. Com tal discurso Jó quer

101. 31.5-8, 9-12, 13-15, 16-23, 24-28, 29-37, 38-40.

afirmar que, na realidade, ele não é o autor das ações mencionadas. Os erros enunciados por Jó são: desejo e cobiça carnal (v. 1- 4)[102]; falsidade e astúcia (v. 5-6)[103]; ambição por riquezas (v. 7-8)[104]; adultério (v. 9- 12)[105]; desprezo pelo direito dos servos (v. 13-15)[106]; recusa em dar alimento aos pobres e às viúvas (v. 16-18)[107]; recusa de vestir os indigentes (v. 19-20)[108]; abuso de poder em detrimento dos órfãos (v. 21-23)[109]; confiança nas riquezas (v. 24-25)[110]; culto prestado aos astros (v. 26-28)[111]; alegria diante da desgraça do inimigo (v. 29-30)[112]; recusa em hospedar (v. 31-32)[113]; exploração dos agricultores (v. 38-40)[114].

---

102. Cf. o v. 1: "Fiz aliança com meus olhos; como, pois, os fixaria eu numa donzela?".

103. Cf. o v. 5: "Se andei com falsidade, e se o meu pé se apressou para o engano".

104. "Se os meus passos se desviaram do caminho, e se o meu coração segue os meus olhos [...] então, semeie eu, e outro coma" (30.7-8). Embora o conceito não esteja claro, a ideia do coração que segue os olhos e, como consequência, aquilo que foi semeado seja comido por outro, parece indicar a ambição por riquezas.

105. Cf. o v. 9a: "Se o meu coração se deixou seduzir por causa de mulher [...]".

106. Cf. o v. 13: "Se desprezei o direito do meu servo ou da minha serva [...]".

107. Cf. o v. 16: "Se retive o que os pobres desejavam ou fiz desfalecer os olhos da viúva".

108. Cf. o v. 19: "se a alguém vi perecer por falta de roupa e ao necessitado, por não ter coberta".

109. Cf. o v. 21: "se eu levantei a mão contra o órfão, por me ver apoiado pelos juízes da porta".

110. Cf. o v. 24: "Se no ouro pus a minha esperança ou disse ao ouro fino: em ti confio".

111. Cf. os vs. 26-27: "se olhei para o sol, quando resplandecia, ou para a lua, que caminhava esplendente, e o meu coração se deixou enganar em oculto, e beijos lhes atirei com a mão".

112. Cf. v. 29: "Se me alegrei da desgraça do que me tem ódio e se exultei quando o mal o atingiu".

113. Cf. o v. 31: "se a gente da minha tenda não disse: ah! Quem haverá aí que não se saciou da carne provida por ele".

114. Cf. o v. 39: "se comi os seus frutos sem tê-la pago devidamente e causei a morte aos seus donos".

É importante notar a profundidade da análise feita por Jó. Ele vai além das acusações de seus amigos. Vemos aqui a afirmação prática de sua justiça. Deus já o chamara de justo no capítulo 1. Agora ele, sem falsa modéstia, afirma sua justiça. É estranho à nossa religiosidade que alguém tenha tal atitude. Pode ser estranho, mas será errado? O apóstolo Paulo, discutindo com os coríntios, parece assumir a mesma postura, afirmando que seu ministério é superior ao daqueles que perturbavam aquela igreja, enfatizando, inclusive, as experiências que passou diante de Deus:

> São hebreus? Também eu sou. São israelitas? Também eu. São da descendência de Abraão? Também eu. São ministros de Cristo? (Falo como fora de mim.) Eu ainda mais: em trabalhos, muitos mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes (2 Co 11.22-24).
>
> Se é necessário que me glorie, ainda que não convém, passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir (2 Co 12.1-4).

As afirmações de Jó são as últimas palavras dirigidas aos amigos. Elas reafirmam sua inocência. Os capítulos 29 e 30 prepararam o terreno para que ele apresentasse sua declaração de inocência a Deus no capítulo 31. Após a exposição de seus argumentos, Jó apresenta a Deus sua defesa formal: "Tomara eu tivesse quem me ouvisse! Eis aqui a minha defesa assinada!" (v. 35a). Agora ele exige que Deus, como seu juiz, o responda: "Que o Todo-Poderoso me responda! Que o meu adversário escreva a sua acusação!" (v. 35b). Cheio de coragem, aproxima-se de Deus como príncipe, como seu igual: "[...] como príncipe me achegaria a ele" (v. 37).

Jó apela para a justiça divina!

CONCLUSÃO

O que Jó buscou na discussão com os amigos aproxima-se de sua concretização: o encontro com Deus. Por estar sofrendo externa e

internamente, seu apelo é dramático. É alguém que experimentou uma vida abençoada, feliz, mas que agora está em terrível miséria. Qual a razão? Seus amigos a apresentaram: segundo o dogma da retribuição, ele está em pecado. Mas nestes capítulos Jó, em uma última palavra, se defende afirmando sua inocência. Então, qual é a solução? Deus deve saber. Mas se Jó não está errado, quem estará? Essa é a questão.

Na pretensão de se apresentar como igual a Deus e exigir que ele lhe faça justiça, o protagonista afirma que seu sofrimento é injusto. Dessa forma, a lógica de seu argumento é que "Deus é injusto". Ao proceder assim, podemos perceber que Jó também trabalha com a "teologia da retribuição". Talvez esse seja o principal ensino deste bloco. No raciocínio de Jó, defender-se da acusação de pecado e declarar-se inocente significa poder questionar a divindade a respeito de seu sofrimento. "Se não fiz nada de errado, não mereço nada de mal," diria ele. Essa é a lógica da retribuição que ele mesmo acusou nos amigos, mas que, de forma incoerente, ele mesmo utiliza.

Portanto, o livro chega a um ponto crítico ao revelar que Jó também raciocina a partir da teologia da retribuição. A crise torna-se aguda. Como sair dela? O narrador trará respostas mais à frente.

Talvez estejamos um pouco decepcionados com Jó. Afinal, ele é nosso herói sofredor, revolucionário, com quem temos empatia. Mas isso nos ensina algo. Podemos pensar que sabemos muitas coisas e que temos crescido espiritualmente; porém, nossas reações e elaborações diante das pressões, muito menores do que as que Jó sofreu, revelam e revelarão raciocínios primários. "Por que está acontecendo isso comigo? O que eu fiz?" "Por que eu?" E outros mais. Jó, pelo menos, encarou de frente sua crise. Temos enfrentado as nossas?

DISCURSO DE ELIÚ

CAPÍTULOS 32-37

INTRODUÇÃO

No último capítulo vimos nosso personagem apresentando corajosamente sua declaração de inocência a Deus e "exigindo" que ele o julgue (31.35). Nos capítulos seguintes seria natural que ouvíssemos a resposta de Deus. Mas não é isso que acontece. Nos capítulos 32 a 37 temos o aparecimento de outro personagem, talvez amigo de Jó: Eliú. O seu surgimento gera uma diminuição de ritmo na sequência do livro que tem como função introduzir uma demorada dramática na manifestação divina. Tal procedimento faz com que a intervenção de Deus, que se espera traga solução às questões de Jó, seja cada vez mais desejada. Já vimos o narrador utilizando recurso literário semelhante no capítulo 28 (poema da sabedoria).

Neste momento é importante salientar que no livro de Jó os personagens representam posições dentro da sociedade judaica a

respeito da sabedoria. Os amigos são proponentes da sabedoria vista a partir do ângulo da retribuição; Jó, por sua vez, representa aqueles que não conseguem se inserir dentro dessa análise e clamam por outra solução, mesmo que ainda utilizem um raciocínio retributivo. Eliú também manifesta a postura de um grupo. Este tece críticas a Jó e a seus amigos (32.2-3,12-5613)[115] e se manifesta em um momento em que a sabedoria dos anciãos é criticada (32.9-10)[116]. Eliú procura aceitação e aprovação dos sábios de sua época (34.2-4)[117], e oferece sua própria proposta para resolver o dilema do sofrimento de Jó. Em sua argumentação ele repete opiniões já apresentadas anteriormente pelos amigos, mas também introduz elementos novos na discussão.

ESTRUTURA

A divisão do texto segue basicamente a sequência dos capítulos como consta em nossas bíblias. Exceção se dá na última parte, como veremos.

1. PREFÁCIO EM PROSA PELO NARRADOR – 32.1-5.

O narrador reaparece novamente no texto. A última vez que o vimos foi no capítulo 28. Todas as suas aparições revelam momentos importantes no desenvolvimento do enredo. A presença do narrador em alguns momentos da trama ocorre para explicar ou apresentar algo novo diretamente aos leitores. É isso que ele faz com o discurso de Eliú, o último personagem a falar antes de Deus. Era de se esperar que sua posição como último a discursar refletisse sua importância, como o mais velho entre os oradores, por exemplo, ou por trazer

115. Cf. 32.2-3: "Então, se acendeu a ira de Eliú, filho de Baraquel, o buzita, da família de Rão; acendeu-se a sua ira contra Jó, porque este pretendia ser mais justo do que Deus. Também a sua ira se acendeu contra os três amigos, porque, mesmo não achando eles o que responder, condenavam a Jó".

116. Cf. 32.9: "Os de mais idade não é que são os sábios, nem os velhos, os que entendem o que é reto".

117. Cf. 34.2: "Ouvi, ó sábios, as minhas razões; vós, instruídos, inclinai os ouvidos para mim".

uma palavra mais refletida e sensata. Mas é exatamente o contrário que se dá. Ele é o mais novo[118]. Como já foi dito, Eliú representa um novo grupo com sua proposta de sabedoria. Parece ser um grupo de sábios com pouca idade, com uma posição heterodoxa em relação à sabedoria dos antigos. O narrador apresenta o motivo deste último discurso: a ira de Eliú contra as palavras de Jó e de seus amigos[119].

2. INTRODUÇÃO POÉTICA – 32.6-22.

Estes versículos não introduzem a argumentação de Eliú. Eles funcionam como uma explicação preliminar para sua intromissão na discussão. Ele se justifica diante dos amigos de Jó[120] por ser o mais novo dentre eles, alegando que não consegue ficar calado[121] enquanto eles não articulam respostas para Jó[122]. Eliú crê ter a solução para o dilema do velho sofredor[123].

3. DISCURSO DE ELIÚ – 33.1-36.1-23.

Este grande discurso subdivide-se em quatro discursos que compõem uma unidade:

118. "[...] Eu sou de menos idade, e vós sois idosos [...]" (32.6a).

119. 32.2-3. Cf. nota n. 115.

120. "Disse Eliú, filho de Baraquel, o buzita: Eu sou de menos idade, e vós idosos; arreceei-me e temi de vos declarar a minha opinião [...] Eis que aguardei as vossas palavras e dei ouvidos às vossas considerações, enquanto, quem sabe, buscáveis o que dizer" (32.6, 11).

121. "Eis que dentro em mim sou como o vinho, sem respiradouro, como odres novos, prestes a arrebentar-se. Permiti, pois, que eu fale para desafogar-me; abrirei os lábios e responderei" (32.19-20).

122. "Atentando, pois, para vós outros, eis que nenhum de vós houve que refutasse a Jó, nem que respondesse às suas razões" (32.12).

123. "Também eu concorrerei com a minha resposta; declararei a minha opinião" (32.17).

a. Primeiro discurso – cp. 33.

Eliú procura refutar a afirmação de Jó de que a ação[124] e o silêncio[125] divinos evidenciam a injustiça de Deus. Ele argumenta corretamente (e esse é um elemento novo que Eliú introduz no livro) dizendo que o fato de Jó não estar ouvindo a voz de Deus não quer dizer que o Senhor não esteja de fato falando. Deus fala de variados modos: em sonho e em visão (33.14-18)[126] e por meio do sofrimento (33.19-22, 26)[127]. Este, contudo, ainda é visto como retribuição ao pecado[128]. Nisto Eliú está de acordo com aqueles que discursaram anteriormente.

b. Segundo discurso – cp. 34.

Neste discurso Eliú ataca as conclusões de Jó a respeito da retribuição divina (34.5-9)[129] trazendo de volta a velha discussão que os amigos levantaram sobre a retribuição ao pecado. Este último orador também afirma que o sofrimento de Jó é consequência de sua iniquidade[130]. Já vimos que a questão é mais complexa e não é possível determinar objetivamente a culpa de quem quer que seja.

124. "Na verdade, falaste perante mim, e eu ouvi o som das tuas palavras: Estou limpo, sem transgressão; puro sou e não tenho iniquidade. Eis que Deus procura pretextos contra mim e me considera como seu inimigo. Põe no tronco os meus pés e observa todas as minhas veredas" (33.8-11).

125. "Por que contendes com ele, afirmando que não te dá contas de nenhum dos seus atos?" (33.13).

126. Cf. vs. 14-15: "Pelo contrário, Deus fala de um modo, sim, de dois modos, mas o homem não atenta para isso. Em sonho ou em visão de noite, quando cai sono profundo sobre os homens, quando adormecem na cama".

127. Cf. vs. 19 e 26: "Também no seu leito é castigado com dores, com incessante contenda nos seus ossos" (v. 19); [...] "Deveras orará a Deus, que lhe será propício; ele, com júbilo, verá a face de Deus" (v. 26).

128. "Cantará diante dos homens e dirá: Pequei, perverti o direito e não fui punido segundo merecia" (33.27).

129. Cf. vs. 5 e 7: "Porque Jó disse: Sou justo, e Deus tirou o meu direito".(v. 5) [...] "Que homem há como Jó, que bebe a zombaria como água?" (v. 7).

130. "Pois [Deus] retribui ao homem segundo as suas obras e faz que a cada um toque segundo o seu caminho" (34.11).

O discurso apresenta uma forte defesa da integridade e da justiça da ação divina (34.12-33)[131], no que não está errado. O problema é a aplicação de tal raciocínio. A conclusão a que ele leva é que se Deus está certo, Jó está errado. Eliú está inquieto, visto que o questionamento de Jó coloca em perigo a teologia retributiva (34.35-37)[132].

c. Terceiro discurso – cp. 35.

Seguindo a tônica daqueles que falaram anteriormente, Eliú critica as afirmações de Jó sobre sua inocência (35.1-2, 7)[133]. A preocupação, neste caso, está no fato de que Jó, talvez um tanto desanimado, reflete que, na prática, não há diferença entre a sua justiça e o seu pecado[134] (cf. 34.9), visto que está sendo castigado imerecidamente. Esse argumento poderia gerar uma postura de permissividade ao pecado, poderia ter pensado Eliú. Afinal, aqueles que ouvissem Jó poderiam pensar: se o castigo atinge o justo bem como o pecador, o melhor é não lutar para ser justo, mas viver uma vida de pecado. Paulo também enfrentou tal de raciocínio[135].

A apreensão de Eliú com tal problema é sadia. Mas quando procura apresentar argumentos lógicos para combater as conclusões de que o exemplo de Jó permitiria pensar que a vida do justo e do pecador são iguais, ele minimiza a questão. O fato é que um homem justo está sofrendo. Essa situação "ilógica" não é aceita pelos sábios. Temem que ao concordarem com tal realidade a integridade divina

131. Cf. o v. 12: "Na verdade, Deus não procede maliciosamente; nem o Todo-poderoso perverte o juízo".

132. Cf. v. 36: "Tomara fosse Jó provado até o fim, porque ele respondeu como homem de iniquidade".

133. Cf. v. 1-2: "Disse mais Eliú: Achas que é justo dizeres: Maior é a minha justiça do que a de Deus?".

134. "Porque dizes: De que me serviria ela [a justiça]? Que proveito tiraria dela mais do que do meu pecado?".

135. "Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos? (Rm 6.1-2).

venha a ser ameaçada. Deus precisa ser defendido[136]. Semelhante inquietação está sempre presente quando há incompreensão a respeito dos caminhos de Deus. O fato é que o soberano Senhor não precisa desse tipo de defensores.

Ao encerrar o discurso, Eliú cita palavras de Jó apenas para confirmar o ponto de vista de que o ancião é pecador e que Deus, pela sua misericórdia, ainda não o puniu:

> Mas agora, porque Deus na sua ira não está punindo,
> nem fazendo muito caso das transgressões
> abres a tua boca, com palavras vãs, amontoando frases de ignorante
> (35.15-16).

d. Quarto Discurso - 36.1-23.

Neste quarto e último discurso temos a repetição, de modo mais enfático, da afirmação que Deus utiliza o sofrimento para falar ao ser humano, como foi visto no primeiro discurso. Aqui Eliú argumenta que Deus não apenas fala por meio do sofrimento, como também liberta o sofredor por meio dele (36.15-16)[137]. No entanto, para Eliú Jó não está entre os justos que serão libertados por intermédio das tribulações, mas entre os perversos que serão atingidos pelo juízo divino[138].

4. CONCLUSÃO. LOUVOR AO DEUS QUE ATUA NA CRIAÇÃO – 36.24-37.24.

No encerramento do bloco que estudamos neste capítulo, Eliú, ainda defendendo Deus diante de Jó, relata a ação divina na natureza por intermédio das estações do ano, cujo objetivo é despertar o

136. "Mais um pouco de paciência, e te mostrarei que ainda tenho argumentos a favor de Deus" (36.2).

137. Cf. v. 15: "Ao aflito livra por meio da sua aflição e pela opressão lhe abre os ouvidos".

138. "mas tu te enches do juízo do perverso, e, por isso, o juízo e a justiça te alcançarão (36.17)".

ser humano para louvar a Deus[139]. Primeiramente fala do período das chuvas (36.26-37.3)[140]. Em seguida, do inverno (37.4-13)[141], e, finalmente, do verão (37.14-24)[142]. Seu objetivo é enfatizar a presença divina e o cuidado para com o ser humano nas várias estações climáticas que o cercam (36.31-33; 37.7,13)[143]. A descrição da ação divina na natureza prepara sua manifestação a Jó no capítulo 38.

CONCLUSÃO

Assim como Jó, que além de ser um personagem individual representa os sofredores de todos os tempos, Eliú igualmente representa um grupo, um novo grupo de sábios que apresenta sua explicação para o problema do sofrimento. Ele repete vários dos argumentos dos amigos de Jó, mas também acrescenta outros. Entre os últimos está o "para que" do sofrimento. Até agora Jó e seus amigos questionaram o "por que" dele. Mas Eliú traz um dado novo, que será compreendido plenamente somente no capítulo 42, indicando que o sofrimento pode gerar libertação. Embora ele creia que no caso de Jó a tribulação se dá como decorrência do pecado, sua contribuição ao desenvolvimento do enredo não deixa de ser significativa.

O sofrimento não nos leva apenas a buscar a Deus para que sejamos livres da dor. Ele nos introduz em águas mais profundas. As tribulações permitem que reflitamos sobre nós mesmos, nossa vida, aquilo que fazemos ou deixamos de fazer, nosso relacionamento com Deus. Tal verdade tem sido apreendida por muitos no decorrer

139. "Lembra-te de lhe magnificares as obras que os homens celebram" (36.24).

140. Cf. 36.27-28: "Porque [Deus] atrai para si as gotas de água que de seu vapor destilam em chuva, a qual as nuvens derramam e gotejam sobre o homem abundantemente".

141. Cf. v. 10: "Pelo sopro de Deus se dá a geada, e as largas águas se congelam".

142. Cf. v. 17: "Que [Deus] faz aquecer as tuas vestes, quando há calma sobre a terra por causa do vento sul?".

143. Cf. 36.31: "Pois por estas cousas julga os povos e lhes dá mantimento em abundância".

dos séculos. No fundo, o sofrimento aprofunda nossa relação com Deus. É provável que Jó estivesse percebendo esse fato, embora não conseguisse compreendê-lo racionalmente. Na realidade, esse é um processo que não pode ser acelerado. Cada pessoa deve ter a sua experiência pessoal com Deus.

Em um contexto social, a comunidade religiosa à qual pertencemos deve nos apoiar em nosso sofrimento, muitas vezes mesmo sem entender plenamente o que está ocorrendo; e nós, por nossa vez, devemos ter paciência e nos colocarmos ao lado daqueles que sofrem. Esse estreitamento de relações a partir da dor de uns e do consolo oferecido por outros é que torna as comunidades cristãs relevantes e abençoadoras junto à sociedade.

O novo grupo de sábios representado por Eliú, em sua proposta de acrescentar novos elementos de análise para o momento de crise, apresenta algumas características muito interessantes. Ele volta-se contra tudo que é estabelecido, tradicional. Levanta-se contra a sabedoria dos anciãos (32.9-10)[144], afirmando possuir "o Espírito do Todo-Poderoso" (32.8; 33.4)[145], ou seja, sua intimidade. Enfatiza a necessidade de um "anjo intercessor"[146] para amparar ao que sofre, não mencionando, contudo, a responsabilidade deste em ajudar aos que padecem.

Este novo grupo, portanto, mantém elementos da sabedoria tradicional - retribuição, justiça divina incondicional - e acrescenta novos dados que vêm de uma vertente mística - anjos, espiritualidade etc. Além disso, reveste-se de um discurso ortodoxo que procura defender a Deus, isto é, defender os posicionamentos do grupo diante de questionamentos de pessoas de fora. Isso é comum em momentos de crise. A história é repleta de exemplos a esse respeito. Hoje mesmo, diante de tantas dificuldades que o mundo atravessa,

144. Cf. nota n. 116.

145. Cf. 33.4: "O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-poderoso me dá vida".

146. "Se com ele houver um anjo intercessor, um dos milhares, para declarar ao homem o que lhe convém, então, Deus terá misericórdia dele e dirá ao anjo: Redime-o, para que não desça à cova; achei resgate" (33.23-24).

novas soluções são propostas aproveitando elementos antigos e agregando a eles dados do misticismo, crendice popular etc. É o que vemos nos movimentos espiritualistas e mesmo em algumas vertentes tanto do catolicismo quanto do protestantismo. Será essa a resposta? Parece-me que não. Creio que o livro de Jó quer nos mostrar que a solução consiste em enfrentar os problemas de frente, numa relação séria e íntima com Deus. Qualquer outra postura, mesmo que seja sob a justificativa de espiritualidade, é uma fuga para longe de Deus.

CONFRONTO ENTRE DEUS E JÓ

CAPÍTULOS 38 – 42.1-6

INTRODUÇÃO

Jó, que por tanto tempo desejara a presença de Deus (9.32-35; 13.22-24; 16.19-22; 23.3-5; 30.20) e até exigira dele uma resposta (31.35), finalmente ouve sua voz. A manifestação divina nestes capítulos é decisiva e central para o desenvolvimento da trama. Neles temos a revelação de Deus diante do sofrimento de Jó e sua resposta às afirmações dos amigos acerca da retribuição. As palavras divinas trazem definição a essas questões e isso de modo surpreendente.

Devemos notar que a resposta proferida por Deus não se dá com afirmações dogmáticas, mas por intermédio de perguntas que dirige a Jó. Ao proceder dessa forma ele também usa a linguagem de sabedoria, cuja essência é a reflexão e análise daquilo que nos cerca. As questões levantadas visam mostrar que a verdadeira resposta é mediada por Deus mesmo. Por isso, a resposta buscada por Jó não

se encontra em algo que Deus venha a falar, mas será descoberta e vivenciada somente a partir da relação com o próprio Deus.

ESTRUTURA

O texto apresenta duas cenas paralelas com a seguinte estrutura: duas introduções às palavras de Deus (38.1; 40.6) seguidas por dois discursos divinos (38.2- 40.2; 40.7-41.34). Após cada discurso temos a resposta de Jó (40.3-5; 42.1-6).

Abaixo a esquematização do texto para melhor compreensão:

Introdução à palavra de Deus	38.1	40.6
Discurso divino	38.2-40.2	40.7-41.34
Resposta de Jó	40.3-5	42.1-6

1. INTRODUÇÃO À PALAVRA DE DEUS – 38.1[147].

A manifestação divina em meio a um redemoinho ou tempestade é uma forma tradicional de Deus se manifestar (cf. Zc 9.14; Sl 50.3[148], 77.16 etc.). Os elementos da natureza que o cercam em convulsão enfatizam sua soberania e poder.

2. PRIMEIRO DISCURSO DIVINO – 38.2-40.2.

Inesperadamente, a resposta oferecida por Deus vem na forma de perguntas. Elas visam colocar a situação em seu contexto adequado: ele é o questionador e o homem é o questionado! As perguntas a Jó começam com a indagação sobre seu paradeiro quando da criação do mundo[149]. Em outras palavras, Deus pergunta: "quem você pensa

147. "Depois disto, o Senhor, do meio de um redemoinho, respondeu a Jó".

148. "Vem o nosso Deus e não guarda silêncio; perante ele arde um fogo devorador, ao seu redor esbraveja grande tormenta".

149. "Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo, se tens entendimento" (38.4).

que é?" Depois vem uma série de questões: quem colocou as bases para a terra? (38.5-7)[150]; quem domou o mar? (38.8-11)[151]; quem fez surgir a manhã? (38.12-15)[152]; quem conhece a extensão do universo? (38.16-21)[153]; quem determina o tempo? (38.22-30)[154]; quem dirige as estrelas? (38.31-34)[155]; quem faz cair as tempestades? (38.35-38)[156]; quem alimenta os animais selvagens? (38.39-41)[157]; quem conhece o tempo em que os animais dão à luz? (39.1-4)[158]; quem pôs em liberdade os animais? (39.5-8)[159]; quem doma o boi selvagem e o avestruz? (39.9-18)[160]; quem dá ao cavalo a força e a coragem para lutar? (39.19-25)[161]; quem dá à ave o instinto e a capacidade de voar? (39.26-29)[162].

150. Cf. v. 5: "Quem lhe [na terra] pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel?".

151. Cf. o v. 8: "Ou quem encerrou o mar com portas, quando irrompeu da madre".

152. Cf. o v. 12-13: "Acaso, desde que começaram os teus dias, deste ordem à madrugada ou fizeste a alva saber o seu lugar, para que se apegasse às orlas da terra, e desta fossem os perversos sacudidos?".

153. Cf. v. 18: "Tens ideia nítida da largura da terra? Dize-mo, se o sabes".

154. Cf. v. 22-23: "Acaso, entraste nos depósitos da neve e viste os tesouros da saraiva, que eu retenho até ao tempo da angústia, até ao dia da peleja e da guerra?".

155. Cf. v. 31: "Ou poderás tu atar as cadeias do Sete-estrelo ou soltar os laços do Órion?".

156. Cf. v. 35: "Ou ordenarás aos relâmpagos que saiam e te digam: Eis-nos aqui?".

157. Cf. v. 41: "Quem prepara aos corvos o seu alimento, quando os seus pintainhos gritam a Deus e andam vagueando por não terem que comer?".

158. Cf. 39.1: "Sabes tu o tempo em que as cabras monteses têm os filhos ou cuidaste das corças quando dão suas crias?".

159. Cf. v. 5-6: "Quem despediu livre o jumento selvagem, e quem soltou as prisões ao asno veloz, ao qual dei o ermo por casa e a terra salgada por moradas?".

160. Cf. v. 9-10: "Acaso, quer o boi selvagem servir-te? Ou passará ele a noite junto da tua manjedoura? Porventura, podes prendê-lo ao sulco com cordas? Ou gradará ele os vales após ti?".

161. Cf. v. 19: "Ou dás tu força ao cavalo ou revestirás o seu pescoço de crinas?".

162. Cf. v. 27: "Ou é pelo teu mandado que se remonta a águia e faz alto o seu ninho?".

O que Deus pretende com essa sequência de perguntas? Por um lado, mostrar sua grandeza e sabedoria e, de outro, a pequenez e ignorância do ser humano. Deus encerra suas palavras com uma pergunta incisiva a Jó: "Acaso, quem usa de censuras contenderá com o Todo-poderoso? Quem assim argúi a Deus que responda" (40.2).

Afinal, se Jó e o ser humano não são capazes de compreender as leis da criação, como podem se atrever a questionar o criador? Temos aqui um passo importante para a superação do dogma da retribuição: se Jó é justo e inocente (e Deus não questiona essa verdade em nenhum momento), isso não quer dizer, consequentemente, que Deus seja injusto. Como já vimos, o sofrimento ultrapassa esse horizonte, sendo um mistério que desmorona o raciocínio retributivo. Ao falar da criação, Deus deixa perceber como ele a preserva e é amoroso. Com isso ele quer mostrar, acima de tudo, que Jó está inserido e faz parte da criação. Ao fazer parte dela, recebe igualmente de Deus seu cuidado paternal.

3. RESPOSTA DE JÓ – 40.3-5.

Com o término de seu discurso, Deus exige que Jó o responda (40.1-2). Mas ele não tem o que falar. Como sinal de seu silêncio, diz: Ponho a mão na minha boca" (v. 4b). Nesse momento devemos refletir: as perguntas que Jó enunciou no decorrer do livro foram respondidas? A resposta é negativa. Isso quer dizer, então, que elas não eram válidas? É claro que eram! Eram e continuam sendo. Mas, ao invés de tratá-las diretamente, Deus as coloca em um contexto maior, o da sua criação, fazendo com que as questões de Jó assumam uma proporção menor. Antes, Jó estava concentrado em si mesmo, voltado para sua dor e sofrimento. Agora, quando Deus lhe mostra seu domínio e o cuidado para com o universo, Jó sente-se participante da criação e da atenção divina. Por isso, não tem nada mais a protestar.

4. SEGUNDA INTRODUÇÃO À PALAVRA DE DEUS – 40.6.

Novamente as palavras de Deus são proferidas do interior de um redemoinho[163], à semelhança de 38.1.

5. SEGUNDO DISCURSO DIVINO – 40.7-41.34.

Deus é mais duro com Jó neste segundo discurso. Em 40.7-14 encontramos o centro de toda a questão levantada pelo livro. Os amigos propunham o pecado como a causa do sofrimento de Jó. Segundo eles, Deus estava totalmente certo ao condenar Jó como pecador. Este, por sua vez, defendia-se afirmando inocência, deixando implícito que sendo Deus o causador de sua dor, ele seria, portanto, injusto. Tanto Jó quanto seus amigos atuaram segundo o preceito da retribuição. Ou Deus está certo e Jó errado, ou Jó é inocente e Deus culpado. O versículo 8: "Acaso, anularás tu, de fato, o meu juízo? Ou me condenarás para te justificares?" indica que este não é o raciocínio adequado. O homem não pode colocar-se como igual a Deus e questioná-lo. Se o ser humano pode inquirir a Deus quanto a sua justiça como Jó o fez, então que faça ele próprio a justiça (40.9-13). Ou seja, que Jó derrube o perverso[164], pise sobre eles[165], e que lance a todos na sepultura[166]. Então Deus irá exaltá-lo: "Então, também eu confessarei a teu respeito que a tua mão direita te dá a vitória" (40.14). Por outro lado, se Jó não pode fazer justiça, então que aprenda com a justiça divina!

Ao falar de sua justiça, Deus demonstra ter tudo sob controle, inclusive o sofrimento de seu inquiridor. Para confirmar, usa a imagem de dois animais que estão sob seu domínio e que representam a ferocidade e a violência: o hipopótamo (40.15-24) e o crocodilo

163. "Então, o Senhor, do meio de um redemoinho, respondeu a Jó" (40.6).

164. "Derrama as torrentes da tua ira e atenta para todo soberbo e abate-o" (40.11).

165. "[...] calca aos pés os perversos no seu lugar" (40.12b).

166. "[...] encerra-lhes o rosto no sepulcro" (40.13b).

(41.1-34). Esses animais foram criados por Deus (40.15,19; 41.11)[167], e o ser humano não pode dominá-los[168]. Se Jó não tem forças para contender com tais animais, como poderá questionar a Deus, seu criador[169]?

Ao manifestar domínio sobre os animais que atemorizam o ser humano, Deus quer mostrar a Jó que, do mesmo modo, o sofrimento e a dor do ancião estão sob seu controle. Este discurso é um chamado para que Jó confie em Deus.

6. SEGUNDA RESPOSTA DE JÓ – 42.1-6.

Depois de tanto sofrimento e desacerto temos o clímax do livro na resposta de Jó. Na primeira resposta (40.3-5) ele sentiu-se inserido novamente no projeto divino. Ao ouvir o segundo discurso proferido por Deus, ele compreende que, mesmo sem entender, o Senhor continua exercendo sua justiça (40.7-14) e dominando todas as forças da natureza, representadas no hipopótamo e no crocodilo, assim como todas as forças do mal (40.15-41.34). Agora Jó está pronto para esta magnífica declaração: "bem sei que tudo podes (inclusive estar presente na minha vida e libertar-me) e que nenhum dos teus planos pode ser frustrado (inclusive aqueles que eu desconheço)" (42.2).

A partir desse ponto Jó passa a ter uma visão correta de Deus, sintetizada na expressão: "Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem" (42.5). Antes ele possuía apenas o conceito retributivo para interpretar a realidade e com ele tentou questionar a Deus. Mas agora este sofredor tem uma experiência com Deus.

167. Cf. 40.15: "Contempla agora o hipopótamo, que eu criei contigo, que come a erva como o boi"; e 41.11, que no contexto do cp. 41, situa o crocodilo entre as criaturas de Deus que estão debaixo dos céus e que lhe pertencem: "Quem primeiro me deu a mim, para que eu haja de retribuir-lhe? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu".

168. Quanto ao hipopótamo: "Acaso, pode alguém apanhá-lo quando ele está olhando? Ou lhe meter um laço pelo nariz?" (40.24); e sobre o crocodilo: "Ninguém há tão ousado, que se atreva a despertá-lo" (41.10a).

169. "Quem é, pois, aquele que pode erguer-se diante de mim? Quem primeiro me deu a mim, para que eu haja de retribuir-lhe?" (41.10b-11a).

Ele o viu! E isso faz toda a diferença. Ele começou a compreender a profundidade da relação com Deus como nunca o fizera, mesmo nos tempos de bênçãos. Jó redescobriu a si mesmo junto a Deus. O sofrimento foi o caminho para isso.

A frase: "Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza" (42.6) manifesta o arrependimento de Jó, não por ter pecado, mas por ter visto a Deus. A experiência de falar com Deus e ouvi-lo e vê-lo mudou a vida de Jó e reordenou suas concepções. Todo ser humano que vê a Deus tem sua vida transformada. Sejam os personagens bíblicos Jacó, Moisés, Isaías, Paulo etc., seja a pessoa mais humilde que vive em algum canto do mundo. O arrependimento, a mudança, é o componente que prepara a vida para uma caminhada de maior intimidade com o Senhor.

CONCLUSÃO

Como já dissemos, esta última divisão do livro é a principal. Ela apresenta o encontro com Deus tão desejado por Jó. Mas é um encontro repleto de surpresas.

Em nossas vidas experimentamos experiência semelhante. Mesmo com as surpresas que a relação com Deus nos reserva, ainda assim é muito bom estarmos diante dele. Isso deve nos fazer lembrar que nosso objetivo, como cristãos, é procurar estar na presença do nosso Deus, seja em que circunstância for: no pecado, na tristeza, na alegria etc. E nosso compromisso com os nossos semelhantes, sejam cristãos ou não, é ajuda-los a também se colocarem diante de Deus. Os amigos de Jó falharam nessa missão. Em seus discursos procuraram afastar o amigo do Senhor. Tal comportamento exige reflexão. Como temos procedido?

Outro ponto para reflexão é o modo como Deus tratou Jó. Diante de tudo o que o patriarca falou, se fôssemos Deus, nós o enviaríamos "direto para o inferno". Mas não é assim que Deus age. Embora seja incisivo ao mostrar sua justiça e controle sobre o mundo, seu objetivo maior é manifestar amor e cuidado para com seu servo. Deus o faz sentir-se novamente inserido em seu domínio

amoroso e dá a ele confiança mostrando-lhe seu poder para vencer o mal. Não censura suas afirmações de inocência, mas reorienta-o para um caminho de humildade.

Esta percepção do caráter ao mesmo tempo justo e amoroso de Deus faz muita falta em nosso meio. Ou tendemos a ver Deus como alguém que ama, transigindo com o pecado, ou como um justiceiro, com o único objetivo de punir o ser humano diante do mais leve desvio. Precisamos redescobrir a maravilha da justiça e do amor divinos convivendo harmoniosamente. Isso só é possível por meio da vivência e comunhão com Deus.

Quanto à sabedoria, Deus propõe um novo caminho, diferente daquele de Jó ou de seus amigos: o caminho da visão de Deus como princípio orientador para a vida. Não se entenda visão aqui em seu sentido carismático. Visão significa, neste contexto, comunhão com Deus. Somente a comunhão íntima com ele pode nos dar forças para continuarmos a viver, mesmo que não entendamos o que está à nossa volta ou mesmo dentro de nós. Tal proposta é a atualização e aprofundamento do conceito: "o temor do Senhor é o princípio da sabedoria". Esse preceito é central, visto que no mundo de contrastes em que vivemos, de tecnologia abundante, ciência, conhecimento, e ao mesmo tempo doenças, pobreza, miséria, frutos do pecado e afastamento do ser humano de seu criador, dificilmente poderemos compreender tudo o que nos cerca. A comunhão com Deus é o único caminho possível para vivermos sabiamente e de modo agradável a ele.

Uma última questão: não devemos ter medo de errar diante de Deus. Devemos exercitar nossa fé de modo maduro, e onde quer que erremos, Deus, em sua sabedoria e amor, há de nos corrigir. A fé é o desafio que Deus nos lança para prosseguirmos nossa vida na tentativa de servi-lo e agradá-lo. Nessa caminhada, se tivermos que escolher, será melhor errar na tentativa de acertar e corresponder à vontade de Deus do que pecar pela omissão, fruto de uma vida repleta de temores, inclusive de Deus.

EPÍLOGO

CAPÍTULO 42.7-17

INTRODUÇÃO

Chegamos ao último bloco do livro. Ele é escrito novamente em prosa (que já apareceu nos capítulos 1 e 2) em lugar da poesia (presente nos capítulos 3.1-42.6). Como vimos no início, os textos em prosa funcionam como um parêntese que abre e fecha o livro. Esses blocos apontam a felicidade de Jó e sua restauração.

Devemos lembrar também que o que é dito aqui foi preparado pelo desenvolvimento dos capítulos 38-42.6. Eles trataram do cuidado de Deus para com sua criação. O acréscimo e ponto alto que se dá nestes últimos versículos consiste na resposta que Deus dirige aos amigos de Jó.

ESTRUTURA

O texto pode ser dividido em duas partes: sentença divina contra os amigos de Jó (42.7-9) e restabelecimento da felicidade de Jó (42.10-17).

1. SENTENÇA DIVINA CONTRA OS AMIGOS DE JÓ – 42.7-9.

Neste momento da narrativa Deus volta-se de Jó para seus amigos[170]. Ele está irado porque eles "não disseram de mim o que era reto" (42.7b). Esta frase proferida por Deus foi utilizada como orientação durante todo o livro para que entendêssemos que as palavras dos amigos a respeito da retribuição eram equivocadas. Os amigos de Jó nos lembram o perigo de que "falando em nome de Deus" possamos, na realidade, estar falando "contra Deus".

A única forma dos amigos se reconciliarem com Deus é por intermédio de um sacrifício que será mediado por Jó, aquele a quem eles haviam criticado[171]. Aqui está a ironia! Aquele que, segundo eles, estava longe de Deus é o que, na verdade, está próximo dele a ponto de oferecer sacrifícios em favor dos amigos. É a oração de Jó que Deus aceita[172]. A lição a ser aprendida é que nossa forma geralmente apressada de julgar o relacionamento de outras pessoas com Deus pode invariavelmente estar equivocada. Ao não pretender vingar-se dos amigos, Jó exercita o preceito neotestamentário do amor aos inimigos[173].

Convém novamente lembrar que as palavras de Jó, que eram "retas" (42.7b), representam basicamente tudo quanto ele falou no livro. Sua piedade tradicional, descrita nos capítulos 1 e 2, bem como sua revolta e lamento apresentados durante todo o livro revelam não um homem "contra" Deus, mas "ao lado" de Deus, tentando entender a vida em suas complexidades.

---

170. "Tendo o Senhor falado estas palavras a Jó, o Senhor disse também a Elifaz, o temanita [...]" (42.7a).

171. "Tomai, pois, sete novilhos e sete carneiros, e ide ao meu servo Jó, e oferecei holocaustos por vós. O meu servo Jó orará por vós; porque dele aceitarei a intercessão, para que eu não vos trate segundo a vossa loucura; porque vós não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó" (42.8).

172. "[...] e o Senhor aceitou a oração de Jó" (42.9b).

173. "Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem" (Mt 5.44).

2. RESTABELECIMENTO DA FELICIDADE DE JÓ – 42.10-17.

A situação de Jó é alterada enquanto ele orava pelos amigos[174]. Que lição! Geralmente Deus muda nossa vida quando, depois de lutarmos com as situações ou com ele mesmo, nos dispomos a orar, abrimos nossos corações e permitimos que ele nos fale à alma.

Agora, por estar sintonizado com Deus, Jó pode orar e interceder pelos amigos. Enquanto isso, Deus lhe dá o dobro de tudo quanto possuía[175]. O instrumento de Deus para enriquecer seu servo foram os amigos e parentes que vieram para consolá-lo e lhe ofertaram dinheiro e jóias[176]. É significativo o fato dessas pessoas estarem distantes, talvez com medo de se envolver e sem saber como agir. Por outro lado, o fato delas virem até Jó revela que muitas vezes a forma sobrenatural pela qual Deus atende aos que sofrem e passam por necessidades se dá pela mediação de pessoas de carne e osso. Esse fato deve despertar em nós o desejo de sermos os instrumentos da ação de Deus em prol dos necessitados.

Além de dinheiro e de bens[177], Deus também dá a Jó outros filhos e filhas (v. 13-15). Interessante o fato de que as filhas aqui indicadas são descritas como "não se achando em toda aquela terra mulheres tão formosas como as filhas de Jó" (42.15), o que não ocorre no capítulo 1. Em seguida, o narrador afirma que "Jó viveu cento e quarenta anos; e viu a seus filhos e aos filhos de seus filhos, até à quarta geração" (42.16). E, ao final, "morreu Jó, velho e farto em dias" (42.17).

Em outras palavras, o velho sofredor volta a ter a vida cheia de bênçãos como alguém que teme e serve a Deus. Como fruto dessas bênçãos ele vê sua descendência e morre em idade avançada.

---

174. "Mudou o Senhor a sorte de Jó, quando este orava pelos seus inimigos" (42.10a).

175. "[...] e o Senhor deu-lhe o dobro de tudo o que antes possuíra" (42.10b).

176. "Então vieram a ele todos os seus irmãos, e todas as suas irmãs, e todos quantos dantes o conheceram, e comeram com ele em sua casa, e se condoeram dele, e o consolaram de todo o mal que o Senhor lhe havia enviado; cada um lhe deu dinheiro e um anel de ouro" (42.11).

177. cf. 42.12.O dobro do que possuía e foi listado em 1.3.

Jó venceu. Não contra Deus, mas junto a Deus. O Senhor sempre esteve com Jó e seu sofrimento aprofundou essa verdade. Agora, de forma visível por intermédio dos bens, Jó pode averiguar que, de fato, Deus está ao seu lado. Essa é a forma usual pela qual Deus trata conosco. Dar-nos bênçãos e fazer com que as vejamos. O livro de Jó é um lembrete de que às vezes Deus pode alterar seu modo de proceder. Em certas circunstâncias as provas visíveis nos faltam para que lembremos que vivemos pela fé. Deus, em sua graça e misericórdia pode, após um período de tentações e provas, restituir-nos tudo quanto retirou. É bom lembrar, entretanto, que fazer isso depende única e exclusivamente de sua vontade.

CONCLUSÃO

Penso que o epílogo do livro também nos traz surpresas. A primeira delas é a pergunta: Afinal, Deus também trabalha com o conceito da retribuição? Será que, como Satanás questionou no capítulo 1, a religião é mesmo gratuita? Esta é uma questão séria. Como a respondemos? Podemos afirmar que, em geral, Deus trabalha com a retribuição. O homem que comete pecados é responsável por eles, e o justo recebe as bênçãos decorrentes de sua justiça. Mas o livro de Jó deseja mostrar que Deus não está preso a esse conceito como se dele fosse escravo. É por isso que ele critica os amigos de Jó. Eles cobram de Deus um posicionamento como se ele fosse dependente do modo como aqueles homens concebiam a religião. Por isso Deus desarticula esse modo de pensar, de raciocínio teológico, permitindo que Jó sofra. Quando a questão é levantada, o Senhor mesmo manifesta os seus propósitos mais profundos em relação ao ser humano para, somente depois disso, voltar a manifestar seu modo usual de tratar a humanidade e o mundo.

Além disso, e creio que é o mais importante, o livro quer mostrar que a relação de Deus com o ser humano não é legalista, mas graciosa, misericordiosa, indo além de uma justiça apreendida com olhos meramente humanos. Se a humanidade não consegue conceber a vida e os outros seres humanos com semelhante percepção, ela está distante de Deus. Nesse contexto o sofrimento encontra seu

sentido mais profundo, não como castigo imposto a nós, mas como oportunidade para que gozemos da profundidade do amor, da graça e da misericórdia divina. E também para que demonstremos o exercício prático do amor divino aos semelhantes.

É nesse contexto que devemos compreender o conflito entre os sábios no livro. Os amigos de Jó são incriminados porque representam uma religiosidade rígida, matemática, legalista, que ao invés de aproximar as pessoas de Deus as afastam. É um tipo de sabedoria e de postura perigosa, egoísta e que não consegue perceber as variadas manifestações de Deus junto ao mundo e aos seus seres.

Eliú discursa em nome de uma religiosidade sincrética, que agrega aos elementos tradicionais da religião novos aspectos advindos do misticismo e do espiritualismo. Ele traz uma proposta cheia de si, arrogante, crítica das que a antecederam e que, à primeira vista, parece ser a solução para todos os problemas não resolvidos anteriormente. Ao final, no entanto, as novas tentativas de exercício da sabedoria se revelam tributárias de velhas reflexões, apenas com nova roupagem.

Jó representa não apenas os sofredores, mas de forma mais indireta, também um grupo de sábios que questiona a sabedoria tradicional. Questiona por não se satisfazer com suas respostas e acusações. Quer penetrar mais profundamente na relação com Deus. Vê que mesmo o sofrimento e a dor devem ser recebidos como instrumentos dessa relação mais íntima com ele, porque, acima de tudo, Deus nos trata com misericórdia, amor e graça.

O livro de Jó é muito importante para o cristianismo atual. Quando vemos tantas propostas de relacionamento com Deus surgindo, cada uma delas julgando conter "a verdade", mas quase todas sendo de terrível superficialidade bíblica, teológica e, acima de tudo, distantes da presença de Deus e, por isso mesmo, sem vivência de amor e misericórdia, estudar o livro de Jó assume caráter de urgência.

Ao final de tudo que refletimos, devo perguntar: como vai a sua religiosidade? Sua espiritualidade? Espero que este livro o tenha levado a algumas indagações e que o estimule a uma relação mais próxima com Deus, em qualquer circunstância.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Francis I. *Jó*. Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1984 (Série Cultura Bíblica).

BENTZEN, A. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1968. 2 v.

BÍBLIA Sagrada. 2a. ed. Revista e atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Baureri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

CHILDS, Brevard S. *Introduction to the Old Testament as Scripture*. Philadelphia: Fortress Press, 1979.

CRENSHAW, James L. Job, Book of. In: FREEDMAN, David Noel (Ed.). *The anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992. v. 03. p. 858-868.

_____. *Old Testament Story and Faith:* A Literary and Theological Introduction. Peabody: Hendrickson Publishers, 1992.

FESTORAZZI, Franco. Jó e Coélet: Crise da Sabedoria. In: FABRIS, Rinaldo (Org.). *Problemas e perspectivas das ciências bíblicas*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 195-216.

LEVEQUE, Jean. *Jó, o livro e sua mensagem*. São Paulo: Paulinas, 1987 (Coleção Cadernos Bíblicos).

MURPHY, R. E. *Jó e Salmos:* encontro e confronto com Deus. São Paulo: Paulinas, 1985 (Série: Pequeno Comentário Bíblico, AT).

PIXLEY, J. *El Libro de Job*. San José: Ediciones SEBILA, 1982 (Comentário Bíblico Latinoamericano).

SCHÖKEL, L. A.; DIAZ, J. L. S. *Job:* Comentario Teologico y Literario. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1983.

STORNIOLO, I. *O Livro de Jó:* o desafio da verdadeira religião. São Paulo: Paulinas, 1992 (Série: Como Ler a Bíblia).

TERRIEN, S. *Jó*. São Paulo: Paulinas, 1994 (Série: Grande Comentário Bíblico).

VANEL, Antoine, et al. *As raízes da sabedoria*. São Paulo: Paulinas, 1983 (Coleção Cadernos Bíblicos).

WESTERMANN, C. *The Structure of the Book of Job:* A Form-Critical Analysis. Philadelphia: Fortress Press, 1981.



PERGUNTAS DE QUEM SOFRE

UMA LEITURA DO LIVRO DE JÓ

Diante de sofrimentos, dores e de problemas que teimam em não nos abandonar, invariavelmente nos perguntamos: O que eu fiz para merecer isso?

Perguntas de Quem Sofre apresenta aquilo que é o centro da história dos que sofrem. No meio das afirmações dogmáticas e cheias de certezas dos amigos de Jó, surgem perguntas profundas que se sobrepõem às certezas. E, são as dúvidas, e não as certezas, que trazem a revelação de Deus.

* * * *

Perguntas de Quem Sofre pode acrescentar uma experiência nova à sua leitura das Escrituras. O sofrimento que isola é também aquele que revela algo sobre a vida, sobre nós mesmos e sobre Deus. Entretanto, ele também pode dar oportunidade à manifestação do Eterno e a revelação de sua graça.

- Gladir Cabral.

SOBRE O AUTOR

João Leonel é pastor presbiteriano, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Possui pós-doutorado em História da Leitura pelo Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, Portugal, e é professor no Seminário Presbiteriano do Sul e na graduação e pós-graduação em Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Coordena o Núcleo Multidisciplinar de Estudos do Protestantismo (CNPq).

ISBN: 978-85-7779-128-6

9 788577 791286

ultimato